

FACULDADES BATISTA DO PARANÁ
Programa de Bacharelado em Teologia à Distância

AS CARACTERÍSTICAS DA IGREJA DE ATOS 2.42-47

CURITIBA
2017

VALÉRIA GARCIA OLIANI

AS CARACTERÍSTICAS DA IGREJA DE ATOS 2.42-47

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharel em Teologia à Distância em cumprimento às exigências da disciplina TCC II, nas Faculdades Batista do Paraná, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. José Neivaldo de Souza.

CURITIBA

2017

VALÉRIA GARCIA OLIANI

AS CARACTERÍSTICAS DA IGREJA DE ATOS 2.42-47

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia à Distância das Faculdades Batista do Paraná, que foi avaliado e aprovado pela banca examinadora em 12 de setembro de 2017.

Prof.º Dr. José Neivaldo de Souza - Orientador

Prof.º Msc. Robson Mauricio Ghedini

Prof.ª Msc. Janete Maria de Oliveira

AGRADECIMENTOS

A HaShem que designou este evento em minha vida, pois eu nunca havia almejado. Literalmente, elegeu esta faculdade e a patrocinou através de trabalhos extras, conforme predisse. Esteve comigo em tempos difíceis, nos quais muitos não estiveram.

A FABAPAR por existir.

Ao coordenador Robson Mauricio Ghedini, pela compaixão e generosidade concedidas em momento oportuno.

Ao meu orientador José Neivaldo de Souza, sagaz e longânime, pelos direcionamentos e correções.

A Eva Márcia Bordão, amiga querida e “co-orientadora”, pelo acolhimento e ensinamentos em judaísmo.

Aos meus filhos Matheus e Guilherme Oliani, pela complacência.

“Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá”. 1Co 13.10

RESUMO

No mundo, tem suscitado um questionamento a respeito da missão da igreja. São incoerências, exageros e escândalos na igreja cristã, católica e evangélica, que dificultam a qualificação de seu trabalho ou necessidade de existência. O crescimento da igreja é lento e, em parte, não reflete pessoas regeneradas. Nas últimas décadas, despertou um grande número de desigrejados, que discordando de doutrinas, deixaram o 'sistema religioso'. De modo geral, a igreja atual parece pregar uma mensagem contrária àquela recomendada por *Yeshua HaMashiach*, inflando mais o ego dos homens que proclamando a mensagem da salvação. O objetivo desse estudo foi analisar o *modus vivendi* da igreja apostólica na passagem de Atos 2.42-47, no intuito de reconhecer o padrão da primeira comunidade messiânica e colher soluções à igreja contemporânea. Tendo por método a pesquisa bibliográfica com livros, vídeos e sites, percebeu-se o distanciamento da atual *ekklesia* aos moldes da igreja apostólica. A primeira igreja nunca abandonou suas origens, mas adaptou-se com a renovação da aliança, mantendo-se disciplinada e obediente à Lei por meio da Graça. *Yeshua* não fundou uma nova igreja, mas despertou uma nova perspectiva dentro do judaísmo. A partir do século IV, houve um rompimento entre judeus e gentios crentes. O cristianismo foi criado como religião oficial e anulou as raízes da fé. A reforma foi uma tentativa de retornar ao caminho, mas ainda insuficiente. Uma proposta de retorno às raízes judaicas da fé é discutida, sem a intenção de judaizar. O estudo aponta para a Visão da Restauração, que é a reconexão entre a Igreja e Israel como povo, cumprindo a profecia de que o povo judeu não foi rejeitado e que, na plenitude dos gentios, Israel conhecerá a salvação.

Palavras-chave: Atos dos Apóstolos, Igreja Apostólica, Restauração.

ABSTRACT

In the world, it has raised a question about the mission of the church. They are inconsistencies, exaggerations and scandals in the Christian, Catholic and evangelical church that make it difficult to qualify their work or need for existence. The growth of the church is slow and, in part, does not reflect regenerated people. In the last decades, it aroused a great number of unveiled, who disagreeing with doctrines, left the 'religious system'. In general, the current church seems to preach a message contrary to that recommended by *Yeshua HaMashiach*, inflating more the ego of men than proclaiming the message of salvation. The purpose of this study was to analyze the *modus vivendi* of the apostolic church in the passage from Acts 2. 42-47, in order to recognize the pattern of the first messianic community and to find solutions to the contemporary church. Having as a method the bibliographical research with books, videos and websites, it was noticed the distancing of the current *ekklesia* to the molds of the apostolic church. The first church never abandoned its origins, but it adapted with the renewal of the covenant, keeping itself disciplined and obedient to the Law through Grace. *Yeshua* did not found a new church, but it awakened a new perspective within Judaism. From the fourth century on, there was a breach between Jews and believing Gentiles. Christianity was created as an official religion and nullified the roots of faith. The reform was an attempt to get back on track, but still insufficient. A proposal to return to the Jewish roots of faith is discussed without the intention of Judaizing. The study points to the vision of the Restoration, which is the reconnection between the Church and Israel as a people, fulfilling the prophecy that the Jewish people were not rejected and that in the fullness of the Gentiles Israel will know salvation.

Keywords: Acts of the Apostles, Apostolic Church, Restoration.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADRO 1 - Conteúdo e subdivisão de Atos dos Apóstolos por Mauerhofer....	16
QUADRO 2 - Conteúdo e subdivisão de Atos dos Apóstolos por Casalegno.....	18
QUADRO 3 - Conteúdo e subdivisão de Atos dos Apóstolos por MacArthur.....	18
QUADRO 4 - Diferença entre a igreja do reino e a igreja dos homens (atual)....	38
QUADRO 5 - Características da igreja apostólica.....	43
FIGURA 1 - Diagrama do desvio histórico da igreja e a restauração.....	42
FIGURA 2 - Esquema cronológico dos eventos histórico-proféticos.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. COMPOSIÇÃO DO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS	12
1.1. Autoria, datação, destinatário, estilo linguístico e proveniência.....	12
1.2. Conteúdo e subdivisão.....	16
1.3. Finalidade do livro.....	19
2. CARACTERÍSTICAS DA IGREJA APOSTÓLICA	22
2.1. Conceitos de Igreja, igreja e comunidade messiânica.....	22
2.2. Características da igreja apostólica.....	25
3. IGREJA ATUAL E RESTAURAÇÃO	33
3.1. Igreja evangélica atual.....	33
3.2. Restauração da igreja.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O maior desafio da humanidade é encontrar sentido para a vida. O mundo oferece muitas opções de 'realização pessoal' como riquezas materiais, fama, prestígio social, drogas e uso liberal do corpo. Os resultados são chocantes à medida que os prejuízos sociais aparecem e crescem demasiadamente. Não obstante, as ciências sociais, humanas e da saúde preveem índices expressivos de transtornos mentais como ansiedade, pânico, bulimia, depressão e esquizofrenia. Diante disso, o cenário é de um colapso mundial nas relações da sociedade, inclusive familiares.

Estudos confirmam que uma religião contribui com o bem estar do homem, ajudando-o a encontrar sentido ou 'preencher um vazio da alma'. A carência desse sentido para a vida coincide com a Escritura Sagrada de que Deus "pôs no coração do homem o anseio pela eternidade" (Ec 3.11). A eternidade está na criação, ou melhor, no Seu Criador. Encontrar Deus é encontrar a razão para viver. Portanto, a igreja cristã tem um vasto campo de atuação. Colabora com a humanidade ao anunciar a salvação, além de oferecer outras vantagens aos fiéis através de práticas pastorais de amparo familiar e social, pautadas na bíblia.

A igreja, no entanto, tem se desviado do seu foco e de sua missão ao permitir que adentrasse conhecimentos e costumes mundanos, que modificam suas ações e a desviam de sua finalidade. Entre essas questões encontram-se toda forma da cultura hodierna, as teorias sociais, a teologia da prosperidade, o reconhecimento humano que dominam os discursos e atividades. Sua comunhão há muito tempo deixou de ser significativa. Comportamentos adversos à Palavra têm surgido no meio cristão, não aparentando diferenças entre ser cristão ou não. A sociedade não reconhece a relevância e o serviço da religião cristã. Dessa forma, o crescimento do Corpo de Cristo é vagaroso com pouca expressão por pessoas restauradas.

Com base nessa problemática, surgiu o interesse de buscar soluções à igreja, mas evitar estratégias modernas. Também o tema definido foi a Igreja Apostólica e como método a pesquisa bibliográfica. O objetivo desse estudo foi analisar as características da igreja apostólica de Atos 2.42-47, a primeira comunidade messiânica. Essa comunidade, num primeiro momento composta por

judeus crentes, foi pretendida por ter sido muito próxima a Jesus e ao evento de Pentecostes, oferecendo assim, maior autenticidade como referencial de igreja.

No primeiro capítulo, apresenta-se a composição do Livro de Atos dos Apóstolos. Define-se o autor da obra, a datação, o destinatário, o estilo linguístico usado e o local de origem. Também são descritos o conteúdo e subdivisão do Livro apresentando-se 3 propostas dos autores Mauerhofer, MacArthur e Casalegno (2005). Adiante são mostradas as finalidades do livro, sustentadas essencialmente em Lopes e Champlin (2002).

O segundo capítulo disserta sobre a diferença entre os conceitos de Igreja, igreja e comunidade messiânica. Outros autores são acrescentados como Mulholland, Nee, Hurlbut e Culver (2012). Em seguida, os versículos do trecho de Atos 2.42-47 são discutidos individualmente com adição de autores na área de sociologia e história nos tempos bíblicos como Bauman, Beaumont, Skarsaune e Daniel-Rops (2012). Autores judeus e judeu-messiânicos também colaboram como Taub, Schneerson e Stern (2008).

No terceiro e último capítulo, a condição da igreja evangélica atual é examinada. Encontram-se desvios na missão da igreja; a ênfase está na realização humana com a deturpação do evangelho e usurpação de bens alheios, produzindo desigrejados, contribuem Nicodemus e Dever (2012). Na sequência, é abordada a restauração, momento que envolve a igreja cristã, católica e protestante. A Visão da Restauração é proposta pelo Ministério Ensinando de Sião, com os rabinos judeu-messiânicos Marcelo e Matheus Guimarães. Comentam sobre a necessidade de um *teshuvá* (retorno) às raízes judaicas da fé. Também exprimem ser plenamente possível a convivência entre cristãos e judeus messiânicos. A Visão da Restauração (At 3.21) traz em seu cerne a reconexão da Igreja Gentílica a Israel como povo que não foi rejeitado por Deus, essa Visão está descrita principalmente em Romanos 11.

Finalmente, as considerações se concentram na necessidade da igreja atual estudar e conhecer o contexto das raízes da fé cristã, podendo adaptar práticas da igreja apostólica. A Visão da Restauração é confirmada com a plenitude dos tempos em que “Todo Israel será salvo” (Rm 11.26) e que o desejo de Deus é ter um único povo (Ef 2.19). Portanto, diante dos poucos estudos específicos em relação ao tema, seu estudo é relevante para a igreja, considerando que essa precisa de orientação sobre sua missão de ser testemunha de Jerusalém até os confins da terra (At 1.8).

1. COMPOSIÇÃO DO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

Este capítulo aborda aspectos do Livro de Atos dos Apóstolos como autoria, datação, destinatário, estilo linguístico, proveniência, conteúdo, subdivisão e finalidade.

1.1. Autoria, datação, destinatário, estilo linguístico e proveniência

O livro de Atos dos Apóstolos, ou Atos dos Emissários¹, apresenta estreita ligação com o Terceiro Evangelho. Nos dois prólogos, o autor direciona seus escritos a Teófilo. Em Lucas: “Querido Teófilo: Muitos já se dedicaram a elaborar relatos dos fatos que se cumpriram entre nós” (Lc 1.1 BJC). Em Atos: “Caro Teófilo: Em meu primeiro livro, escrevi a respeito de todas as coisas que Yeshua começou a fazer e a ensinar” (At 1.1 BJC). Para alguns escritores isso revela com clareza que o autor de Atos dos Apóstolos é o mesmo autor do Evangelho de Lucas, apesar de apontamentos inversos. Silva (2007) atesta que existem duas linhas de argumentos que favorecem ou não a identificação de Lucas como o autor do Livro de Atos. Cita autores que protestam contra a autoria: Jülicher, Fascher, Liysy, e principalmente, Haechen. Champlin (2002) descreve argumentos desfavoráveis à autoria de Lucas dizendo que o livro é anônimo e que não há justificção de sua autoria, pois forma opiniões especulativas dos pais da igreja; os termos médicos utilizados não convencem de que se trata de Lucas², uma vez que até na Septuaginta aparecem os mesmos vocábulos.

Casalegno (2005) usa este argumento, mas para afirmar que o evangelista é o autor de atos. Diz que com frequência Lucas usa o vocabulário e o estilo da LXX. Ressalta que é um estilo solene, de cunho litúrgico e que sua intenção é realçar que os eventos da Igreja primitiva. Outros eruditos pactuam com o argumento positivo sobre a autoria de Lucas e comentam que ele era homem culto, profundo conhecedor de sua época e da língua grega, motivo de ótima expressão na linguagem dos Atos (CHAMPLIN; CASALEGNO, 2005). Lopes (2012) afirma uma alta qualidade do grego *koiné* de Lucas-Atos, como se escrevesse para uma audiência culta. Champlin comenta sobre “um tipo mais

¹ In: *BÍBLIA JUDAICA COMPLETA*, 2010, p. 1351.

² Lucas era médico (Cl 4.14).

clássico de grego... tanto no evangelho de Lucas como no livro de Atos” (2002, p.2). O Livro de Atos é redigido em estilo elegante, com períodos bem organizados e rico de termos variados (CASALEGNO, 2005). Lucas usa uma linguagem brilhante “com soberba habilidade na apresentação dos episódios dramáticos” (CHAMPLIN, 2002, p. 6). No entanto, há partes do Livro em que a língua usada por Lucas é um grego mais popular.

Na primeira parte, principalmente, trata da vida da igreja primitiva fazendo uso de abundantes semitismos, isto é, de construções gregas que são a tradução exata de expressões hebraicas que não tem nada a ver com o mundo grego. Dessa forma, evoca o ambiente judaico onde os acontecimentos se desenvolvem, mostrando seu talento linguístico e sua capacidade de escolher a linguagem idônea para a situação (CASALEGNO, 2005, p. 31).

A defesa da autoria de Lucas também recorre aos temas abordados em ambas as obras: universalidade da religião cristã; a ação atuante do Espírito Santo mais que nos evangelhos sinópticos; simpatia pelos pobres e grupos desprezados; antipatia pelos ricos; saliência sobre o dever e o uso apropriado das riquezas; ênfase sobre o papel das mulheres desempenhado na vida de Cristo; desenvolvimento da igreja primitiva; ênfase na necessidade de oração pelo crente; frequência do tema ‘graça divina’ mais que nos evangelhos sinópticos; destaque do tema perdão dos pecados mais que nos evangelhos sinópticos; destaque sobre o quadro político no intuito de mostrar que o cristianismo não era subversivo (CHAMPLIN, 2002).

Muitos estudiosos defendem a autoria pelo emprego da seção “nós” que promove a ideia de que autor acompanhava Paulo nas suas viagens (CHAMPLIN; CASALEGNO; SILVA, 2007). Estas seções que usam a primeira pessoa do plural deixam transparecer o contato com Paulo: “Idênticas considerações ligam esse autor ao evangelho de Lucas” (CHAMPLIN, 2002, p. 2). Dentre os versos de Atos que comprovam esse assunto estão: At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; 27.1-28.16. Na citação abaixo, percebe-se os verbos conjugados na primeira pessoa do plural “nós”, confirmando a ideia dos autores.

Depois que Paulo teve essa visão, *preparamo-nos*³ imediatamente para partir para a Macedônia, concluindo que Deus *nos* tinha chamado para lhes pregar o evangelho.

³ Ênfase acrescentada.

Partindo de Trôade, *navegamos* diretamente para Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis.

Dali *partimos* para Filipos, na Macedônia, que é colônia romana e a principal cidade daquele distrito. Ali *ficamos* vários dias.

No sábado *saímos* da cidade e fomos para a beira do rio, onde *esperávamos* encontrar um lugar de oração. *Sentamo-nos* e *começamos* a conversar com as mulheres que se haviam reunido ali.

Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. O Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo.

Tendo sido batizada, bem como os de sua casa, ela *nos* convidou, dizendo: "Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa". E *nos* convenceu.

Certo dia, indo *nós* para o lugar de oração, *encontramos* uma escrava que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para os seus senhores com adivinhações.

Essa moça seguia a Paulo e a *nós*, gritando: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo e lhes anunciam o caminho da salvação" (At 16.10-17).

As taxas de analfabetismo na Palestina do século I eram incrivelmente altas, sobretudo entre os pobres. Presume-se que cerca de 97% dos camponeses judeus não sabiam ler nem escrever. A maioria dos judeus no tempo de Jesus teria tido apenas uma compreensão elementar do hebraico (ASLAN, 2013). Sabiam o suficiente para compreender as escrituras quando lhes eram lidas nas sinagogas, bem como "havia um *Meturgeman*, um intérprete, para explicar a Lei às pessoas simples que não sabiam bem hebraico" (DANIEL-ROPS, 2008, p. 306). Afinal, "o hebraico era a língua dos escribas e estudiosos da lei, a língua do conhecimento" (ASLAN, 2013, p. 59). No Novo Testamento, todos os autores, com exceção de Lucas, são de origem judaica. O NT foi escrito em grego, língua conhecida por Lucas como já mencionado, pois fora da nação israelita um NT hebraico ou aramaico encontraria poucos leitores. Fica evidente o propósito de Deus de que o mundo todo fosse alcançado com a feliz mensagem: "sua incumbência missionária é inequívoca" (MAUERHOFER, 2010, p. 49).

Todos os autores do NT possuem a mesma qualidade de estilo e modo de expressão. Todavia, Lucas e Paulo "evidenciam um nível linguístico superior aos demais autores" (MAUERHOFER, 2010, p. 53), fortalecendo o senso de proximidade espaço-temporal entre os dois. Ressaltam-se a autoria comum e a unidade da obra Lucas-Atos, pois os dois volumes constituem duas divisões de uma mesma obra literária, fazendo de Lucas o autor mais extensivo de todo Novo Testamento (CHAMPLIN, 2002). Para MacArthur (2015, p. 408) "o segundo livro afirma ser uma extensão do primeiro".

A datação dos escritos de Atos dos Apóstolos surge antes do ano 70 da era cristã. Mauerhofer apresenta extensos argumentos favoráveis à datação antes do ano 70, bem como favoráveis à datação após 70. Sugere que não passa dos anos 62/63 justificando que Lucas não alude a perseguição sob Nero em Roma do ano 64, tampouco a destruição de Jerusalém (CHAMPLIN; MACARTHUR; HURLBUT, 2007). Do mesmo modo, não menciona o martírio dos apóstolos Pedro e Paulo ocorrido no ano 67, pois o teria registrado. No entanto, assinala a prisão de Paulo e sua absolvição em Roma. Ao final, explica que não há “motivo para fixar para Atos uma data posterior a 62/63 d.C.” (MAUERHOFER, 2010, p. 291).

Champlin (2002) opina que a data mais recuada é 60 e se dilataria até o ano 100; traça um panorama histórico-literário e conclui que o livro dos Atos dos Apóstolos fora escrito entre os anos 70 e 85. Para Casalegno a data seria entre o ano 70 e 96 em que o imperador Domiciano (81-96 d.C.), ao final de seu reinado, “desferiu uma grande perseguição contra os cristãos de Roma e Ásia Menor” (2005, p. 36). Escreve que a maioria dos exegetas modernos concorda com este ponto de vista: que o livro teria sido escrito entre os anos 80-95 da era cristã. MacArthur (2015) propõe que a obra foi redigida entre os anos 60-70. Justifica pelo fim abrupto da obra em que deixa Paulo à espera do julgamento. Lucas, companheiro de Paulo em viagens e pelo tanto que relatou sobre o ministério do mesmo, não findaria a obra sem citar o resultado de tal julgamento (MACARTHUR; CHAMPLIN, 2002).

Sobre o lugar de composição, Casalegno (2005) menciona que muitos escritores aludem a Antioquia, enquanto outros marcam Éfeso ou Cesareia. Champlin comenta que não é seguro apontar o local e, apesar de alguns pesquisadores apontarem para Antioquia, sugere Roma. Atos “salienta a reação favorável de muitos oficiais romanos para com os primeiros missionários cristãos, porquanto, na realidade, se dirigia a um membro da aristocracia romana” (CHAMPLIN, 2002, p. 6), referindo-se ao destinatário Teófilo⁴.

Mauerhofer (2010) considera o assunto insolúvel. Porém, nota que o Livro de Atos termina com uma breve menção ao primeiro cativo de Paulo em Roma (At 28.30s). Defende com convicção que o local de constituição é Roma. Casalegno (2005) observa que é difícil decidir esta questão, mas privilegia Antioquia por seu destaque na história do cristianismo primitivo.

⁴ Oficial Romano.

1.2. Conteúdo e subdivisão

Há diversidade de estudos sobre o conteúdo e subdivisão do Livro de Atos. Torna-se difícil enquadrá-lo sobre uma única perspectiva e, por isso, são apresentadas três sinopses de diferentes autores. Mauerhofer apresenta em seu plano apenas duas estações principais subdivididas em três e cinco porções. Destaca o versículo-chave do livro que marca a ascensão de Jesus e sua separação definitiva dos seus discípulos, dando início ao tempo da Igreja: “mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8).

QUADRO 1 – CONTEÚDO E SUBDIVISÃO DE ATOS DOS APÓSTOLOS POR MAUERHOFER

1 - Expansão do evangelho na Palestina e Síria (At 1.1-12.25)
1.1 Os inícios da comunidade primitiva em Jerusalém (At 1.1 – 5.42)
Prefácio: ascensão de Jesus (At 1.1-14) A eleição suplementar do décimo segundo apóstolo (At 1.15-26) A efusão do Espírito Santo em Pentecostes e pregação de Pedro; conversão de 3 mil pessoas; fundação da igreja do NT (At 2.1-41) A vida na comunidade primitiva (At 2.42-27) A cura de um paralítico no templo (At 3.1-26) Pedro e João diante do Sinédrio (At 4.1-31) Segunda descrição da vida na igreja (At 4.32-37) Ananias e Safira (At 5.1-11) Desenvolvimento tranqüilo da igreja (At 5.12-16) Os apóstolos diante do Sinédrio (At 5.17-42)
1.2 Morte de Estêvão e perseguição à comunidade primitiva (At 6.1 – 8.3)
Instituição dos sete diáconos (At 6.1-7) Estêvão perante o Sinédrio; seu martírio (At 6.8-8.1a) A perseguição à comunidade primitiva (At 8.1b-3)
1.3 A missão na Samaria e Síria
A missão em Samaria (At 8.4-25) Filipe e o camareiro da Etiópia (At 8.26-40) A conversão de Saulo de Tarso (At 9.1-9) Saulo e Ananias (At 9.10-19a) Saulo em Damasco e Jerusalém (At 9.19b-30) Pedro em Lida e Jope (At 9.31-43) Pedro e o capitão Cornélio em Cesareia (At 10.1-11.18) Primórdios da igreja em Antioquia (At 11.19-30) Pela primeira vez os discípulos são chamados cristãos (At 11.26) Perseguição da comunidade primitiva sob Herodes Agripa I (At 12.1-25)
2 - O trabalho missionário do apóstolo Paulo
2.1 A primeira viagem missionária e o concílio dos apóstolos (At 13.1-15.35)

<p>Envio de Barnabé e Paulo para a primeira viagem missionária; Barnabé e Paulo em Chipre (At 13.1-12) Em Antioquia da Pisídia (At 13.13-52) Em Icônio (At 14.1-7) Em Listra (apedrejamento do apóstolo Paulo) (At 14.8-20a) Encerramento da primeira viagem missionária (At 14.20b-28) O concílio dos apóstolos em Jerusalém (At 15.1-35)</p>
<p>2.2 A segunda viagem missionária (At 15.36-18.23)</p>
<p>Partida para a segunda viagem missionária Pela Ásia Menor até Trôade (At 16.1-10) A fundação de uma igreja em Filipos (At 16.11-40) A fundação de uma igreja em Tessalônica (At 17.1-9) A fundação de uma igreja em Bereia (At 17.10-15) Paulo em Atenas (discurso no areópago) (At 17.16-34) A fundação de uma igreja em Corinto (At 18.1-17) Encerramento da segunda e início da terceira viagem missionária (At 18.18-23)</p>
<p>2.3 A terceira viagem missionária (At 18.24-21.14)</p>
<p>Apolo em Éfeso e Corinto (At 18.24-28) Paulo em Éfeso (At 19.1-40) Viagem para a Macedônia e Grécia e continuação via Trôade e Mileto (At 20.1-16) Discurso de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso (At 20.17-38) Continuação e permanência em Cesareia (At 21.1-14)</p>
<p>2.4 Paulo como prisioneiro em Jerusalém e Cesareia (At 21.15-26.32)</p>
<p>A chegada em Jerusalém e visita à comunidade primitiva (At 21.15-26) Detenção de Paulo em Jerusalém (At 21.27-40) Discurso de Paulo, detido, ao povo (At 22.1-21) Paulo como prisioneiro na fortaleza Antônia (At 22.22-29) Paulo perante o Sinédrio (At 22.30-23.11) O atentado dos judeus contra a vida de Paulo (At 23.12-22) A transferência de Paulo para Cesareia (At 23.23-35) Processo diante do procurador Félix (At 24.1-23) Delongas do processo (At 24.24-27) Apelação de Paulo ao imperador diante de Festo (At 25.1-12) Discurso de defesa de Paulo perante Agripa II e Festo (At 25.13-26.32)</p>
<p>2.5 De Cesareia para Roma (At 27.1-28.31)</p>
<p>A penosa viagem para Roma (At 27.1-28.15) Paulo em Roma (At 28.16-31) Final de Atos com referência à atuação do apóstolo durante dois anos completos como prisioneiro em moradia alugada (At 28.16,30,31)</p>

FONTE: MAUERHOFER, 2010, p. 269-71

O segundo modelo é fornecido por Casalegno. Num esquema bastante sintético apresenta o conteúdo do Livro com apenas cinco partes, intitulando-as: A vida da Igreja em Jerusalém, A preparação para a missão, O concílio de Jerusalém, A realização da Grande Comissão e A caminho de Jerusalém e Roma. São poucas linhas que mostram o desenvolvimento de Atos dos Apóstolos levando em conta os elementos temáticos e literários mencionados. As várias partes se encaixam bem entre si e ajudam a visualizar a distribuição do Livro de maneira descomplicada.

QUADRO 2 – CONTEÚDO E SUBDIVISÃO DE ATOS DOS APÓSTOLOS POR CASALEGNO

1 - A vida da Igreja em Jerusalém (1.12-8.3)
A comunidade judeo-cristã (1.12-5.42) O grupo helenista (6.1-8.3)
2 - A preparação para a missão (8.4-14.28). Desenvolvimento da missão em Samaria e na Judéia (8.4-40) Vocação de Paulo (9.1-30) Batismo do primeiro incircunciso (9.31-11.18). A comunidade de Antioquia (11.19-12.25). Primeira viagem missionária de Barnabé e Paulo (13.1-14.28)
3 - O concílio de Jerusalém (15.1-35) As linhas básicas da condução da missão
4 - A realização da grande missão (15.36-19.20) Paulo se separa de Barnabé e escolhe Silas (15.36-40) Segunda viagem missionária de Paulo (15.41-18.22) Terceira viagem missionária de Paulo (18.23-19.20)
5 - A caminho de Jerusalém e Roma (19.21-28.31) Últimas visitas às comunidades (19.21-21.14) Paulo chega a Jerusalém (21.15-26) Prisão e perseguição de Paulo (21.27-26.32) Última viagem de Paulo e chegada a Roma (27.1-28.31)

FONTE: CASALEGNO, 2005, p. 82

O terceiro esquema é ainda mais conciso. MacArthur distribui o conteúdo de Atos em prólogo e três subdivisões. Concentra cada parte em testemunhos: em Jerusalém, na Judeia e na Samaria e até os confins da terra.

QUADRO 3 – CONTEÚDO E SUBDIVISÃO DE ATOS DOS APÓSTOLOS POR MACARTHUR

Prólogo (1.1-8)
1 – O Testemunho em Jerusalém (1.9-8.3)
Os antecedentes da Igreja (1.9-26) A fundação da Igreja (2.1-47) O crescimento da Igreja (3.1-8.3) Apóstolos: pregando, curando e suportando perseguições (3.1-5.42) Diáconos: orando, ensinando e suportando perseguições (6.1-8.3)
2 – O Testemunho na Judeia e na Samaria (8.4-12.25)
A pregação do evangelho aos samaritanos (8.4-25) A conversão de um gentio (8.26-40) A conversão de Saulo (9.1-31) A pregação do evangelho na Judeia (9.32-43) A pregação do evangelho aos gentios (10.1-11.30) A perseguição por parte de Herodes (12.1-25)
3 – O Testemunho até os confins da terra (13.1-28.31)
A primeira viagem missionária de Paulo (13.1-14.28) O concílio de Jerusalém (15.1-35) A segunda viagem missionária de Paulo (15.36-18.22) A terceira viagem missionária de Paulo (18.23-21.16) Os julgamentos de Paulo em Jerusalém e Cesareia (21.17-26.32) A viagem de Paulo a Roma (27.1-28.31)

FONTE: MACARTHUR, 2015, p. 407

Ante as propostas apresentadas, a divisão mais frequentemente usada é de que: o livro é separado em duas grandes partes (alguns dividem até o capítulo 12 e outros até o capítulo 15). São desmembradas em seções menores que especificam a estrutura do livro, observando uma sequência geográfica, ordem cronológica e personalidades próprias, como sustenta Mauerhofer (2010). O objeto desse estudo é analisar as características da igreja primitiva, *modus vivendi*, que se encontra no fragmento textual de At 2.42-47. Está situada na primeira seção do livro sob o título *A vida na comunidade primitiva*, na estrutura proposta por Mauerhofer (2010).

Nota-se a introdução e a comunidade de Jerusalém judaico-cristã. O prólogo do livro é constituído por aparições do Ressuscitado, seus ensinamentos e o relato de sua ascensão no Monte das Oliveiras (1.1-11). Logo depois, aparece a composição da comunidade, a escolha de Matias, Pentecostes, hora do nascimento da igreja do novo testamento, o discurso inflamado de Pedro e a conversão de 3.000 pessoas. Trata ainda das origens da Igreja de Jerusalém, explicitando alguns dos embaraços enfrentados e também os sinais milagrosos que o cristianismo realizava no seio das primeiras comunidades. Realça o messianismo vigente e a realidade da Igreja nascente entre judeus crentes (SILVA, 2007).

1 - Expansão do evangelho na Palestina e Síria (At 1.1-12.25)
1.1 Os inícios da comunidade primitiva em Jerusalém (At 1.1 – 5.42)
Prefácio: ascensão de Jesus (At 1.1-14) A eleição suplementar do décimo segundo apóstolo (At 1.15-26) A efusão do Espírito Santo em Pentecostes e pregação de Pedro; conversão de 3 mil pessoas; fundação da igreja do NT (At 2.1-41) A vida na comunidade primitiva (At 2.42-27) A cura de um paralítico no templo (At 3.1-26) Pedro e João diante do Sinédrio (At 4.1-31) Segunda descrição da vida na igreja (At 4.32-37) Ananias e Safira (At 5.1-11) Desenvolvimento tranqüilo da igreja (At 5.12-16) Os apóstolos diante do Sinédrio (At 5.17-42)

1.3. Finalidade do livro

Em primeiro lugar, o livro pretende mostrar a legitimidade do cristianismo diante das autoridades romanas. Atos é um escrito apologético que possui duas

direções: “uma diante dos judeus e outra diante das autoridades romanas” (MAUERHOFER, 2010, p. 286). Mostra uma semelhança entre cristianismo e judaísmo, com base na profecia do Antigo Testamento. Champlin e Lopes (2012) concordam e comentam que a proposta inicial de Lucas é defender a fé cristã de seus opositores. Além de recomendá-lo às autoridades por ser legal, um cumprimento fiel do judaísmo.

Diante da autoridade romana isso se fazia necessário para garantir a inofensiva atuação da igreja cristã em Jerusalém (MAUERHOFER; CHAMPLIN, 2002). Em segundo lugar, a obra almeja patentear a expansão da igreja de Jerusalém a Roma, apesar das perseguições: “Foram perseguições internas e externas, físicas e psicológicas, políticas e religiosas” (LOPES, 2012, p. 22) que os apóstolos, bem como a igreja, sofreram na caminhada cristã.

O intuito de Lucas é reconhecido por muitos estudiosos não apenas como um evento geográfico que pretende limitar territórios de atuação das primeiras igrejas cristãs. Sobretudo, “manifesta o triunfo do cristianismo em um mundo hostil” (MAUERHOFER, 2010, p. 287) em que o ponto culminante do relato histórico é a chegada de Paulo a Roma. A Igreja nunca recuou diante das opressões e tormentos que lhe desferiram. Aliás, ela caminhou ousada rumo ao cumprimento da vontade de Deus que lhe incumbiu de tal missão (CHAMPLIN; LOPES, 2012).

Um terceiro propósito do livro de Atos se mostra acerca das limitações humanas dos membros. Mesmo a igreja apostólica estando desprovida de recursos financeiros, privada de bens materiais, em meio a um governo arbitrário, com pessoas sem preparo intelectual e erudição, sem influência política e com a maioria da igreja composta por escravos, o evangelho foi altamente difundido no império romano (LOPES, 2012).

A quarta finalidade é mostrar a importância da Oração e da Palavra como propulsores para o crescimento da igreja. Lopes salienta que não existe pregação de poder sem oração. Isso se confirma numa lista de passagens sobre a prática da oração na narrativa de Atos, tais como: At 1.14; 3.1; 4.24, 31, 6.2, 4; 8.15; 10.9, 31; 12.5, 12.

Tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos salientam a prática da oração; mas aqui a referência não é meramente ao costume ou hábito da oração. Pelo contrário, parece... uma indicação de que os discípulos assim se reuniam, formando um grupo unido em seus propósitos, com alguma finalidade específica... Essa dedicação dos primitivos discípulos à oração

serve, por semelhante modo, para mostrar... que a oração e a meditação prepara o crente, tornando-o mais receptivo para as realidades espirituais (CHAMPLIN, 2002, p. 32).

De igual modo, a Epístola de Paulo aos Efésios (6.18) demonstra esta prática da igreja através do verso: “orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica; tendo isso em mente, estejam atentos e perseverem na oração por todos os santos”. A missiva lucana pretende patentear a obra do Espírito Santo na expansão da igreja, que avançou de Jerusalém a Roma pelo poder do Espírito Santo (LOPES, 2012). O *Ruach HaKodesh*⁵ foi derramado sobre todos os crentes reunidos na Festa de *Shavuôt*⁶ harmoniosamente, capacitando-os espiritualmente a serem testemunhas do Eterno e Sua Palavra no mundo (GUIMARÃES, 2004).

Champlin (2002) alega que a vinda do Espírito Santo tem característica habitadora e cria bênçãos vantajosas ao movimento cristão e em cada crente individualmente: unidade; pureza; santidade; aumento do conhecimento espiritual; observância do novo testamento, o qual recomenda o amor entre irmãos; poder, interno e externo, transformação de seus seres conforme a imagem metafísica de Cristo e ministério para ter alcance entre os homens; manifestação do eclético fruto do Espírito transformando o crente individualmente para o especial serviço, tanto no íntimo da igreja como fora dela.

Por causa da Emissão Divina, muitos judeus creram no Messias. Gentios deixaram de servir aos deuses gregos e romanos, tendo se associado ao Deus de Jerusalém e da Terra de Israel. Com isso, a igreja apostólica desbastou as trevas do paganismo: “Não foram poucas as pessoas que, ao abandonar o seu passado de misticismo, se converteram ao evangelho... provocaram uma mudança nos hábitos e costumes” (SOUZA, 2015, p. 65).

Champlin (2002, p.1) comenta que o livro de Atos “é a única história da igreja cristã em existência, escrita antes do século III d.C. Bastaria esse fato isolado para que se reconhecesse universalmente o valor deste livro”. Sem o mesmo a humanidade não teria qualquer registro histórico sobre o desenvolvimento inicial da igreja. Atos “mostra a continuidade histórica e teológica entre a Igreja das origens... e as novas Igrejas, surgidas fora da Palestina, numa outra área cultural sem tradição e passado histórico” (SILVA, 2007, p. 54).

⁵ Expressão hebraica que significa Sopro ou Vento do Eterno; Espírito do Santo.

⁶ Festas das Semanas ou Pentecostes.

2. CARACTERÍSTICAS DA IGREJA APOSTÓLICA

O presente capítulo aborda o conceito de Igreja, igreja e comunidade messiânica e apresenta uma análise individual dos versos de Atos 2.42-47.

2.1. Conceitos de Igreja, igreja e comunidade messiânica

A 'Igreja' foi planejada por YHWH e comprada com o Sangue do Filho, o Cordeiro Santo, estabelecendo-se no plano espiritual. A Igreja é transcendente⁷, metafísica, intangível: é a 'Igreja Invisível' aos homens. Está descrita essencialmente na carta aos Efésios e, segundo Mulholland (2004), essa Igreja é o povo de Deus que recebeu a maior declaração de amor consoante à expressão bíblica: "Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou como cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância". Esta porção da Palavra refere-se a Cristo dado à Igreja como Cabeça, confirmado pelo verso: "como também Cristo é o cabeça da igreja" e "Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável" (Ef 1. 22-23; 5. 23, 25, 27).

Mulholland diz que Deus é o Criador e Arquiteto da Igreja e que "Cristo deu sua vida por ela, seu corpo" (2004, p. 11). Escreve que a Igreja é um edifício Cristocêntrico em que o Senhor Jesus é o construtor e alicerce e que "é levantada sobre a Pedra Angular que também é Cristo" (2004, p. 56). Ao se referir à Igreja como Projeto Divino, MacArthur (2015) comenta sobre três palavras-chave aplicadas nos versos da encíclica de Efésios que se ligam conceitualmente. Do grego *prothesis*, *boulé*, e *theléma* significando propósito, plano e vontade, essas palavras aparecem juntas em Efésios 1.11: "nele fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade".

⁷ "De um modo tosco expressa a idéia de que Deus está mais além do mundo, de que é transcendente... o Deus transcendente é imaginado como enormemente distanciado no espaço, muito além acima do mundo" (BULTMANN, 2008, p. 17).

Ao traçar um comparativo entre Eva e a Igreja, Nee discorre sobre a prefiguração de Eva na criação, em que esta seria o primeiro estágio da Igreja, porém, sem pecado. Comenta que “a primeira mulher foi planejada por Deus antes da fundação e apareceu antes da queda, ao passo que a segunda mulher também foi planejada antes da fundação do mundo, mas foi revelada após a queda” (2005, p. 34). Tipifica Adão e Cristo e explica que o texto de Gn 2.18 “não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” significa que assim como Eva nasceu de Adão a Igreja nasceu de Cristo. Deus pretendeu fazer uma auxiliadora a Cristo (a Igreja), pois Cristo sozinho é apenas a metade. Dessa forma a Igreja está em Cristo, assim como Eva está em Adão. A Igreja foi tirada de Cristo, assim como Eva foi tirada de Adão (NEE, 2005).

A ‘igreja’ deriva da palavra hebraica *qahal* que era regularmente usada para exprimir uma convocação do povo de Israel para uma assembleia ou congregação, que trataria de temas jurídicos, políticos ou, especialmente, adoração (MULHOLLAND, 2004). *Ekklesia* é “uma associação de pessoas unidas pela fé em Cristo, que se reúnem regularmente para ouvir a doutrina apostólica, compartilhar a vida mútua (comunhão), para adoração (o partir do pão), oração, encorajamento mútuo, louvor e serviço” (CULVER, 2012, p.1087).

Essa associação de pessoas é a ‘igreja visível’ ou ‘igreja terrena’ para Nee (2005), enquanto Mulholland, Culver e Champlin (2002) a nomeiam também ‘igreja local’. Versando sobre Ladd⁸, Mulholland escreve: “A igreja local não é parte da igreja, mas é a igreja em sua expressão terrena”. Explica que “a igreja não é vários ou muitos corpos, mas um só, completo em si” (2004, p. 26). Culver (2012) receia que ela se torne semelhante a uma sociedade religiosa, por inclusão de elementos impertinentes ou exclusão de princípios genuínos.

A *ekklesia* é um organismo vivo, não uma organização, afirmam Mulholland, Culver, Dever (2012). Concordam que a igreja local não é representada por um prédio ou edifício, mas um corpo organismo. Quanto ao uso da palavra igreja Dever diz que não se refere a um edifício, pois “este é um sentido secundário. O edifício é apenas o lugar em que a igreja se reúne” (2012, p. 162). Souza encerra e fortalece a postura de *ekklesiae* saudáveis e expressivas no compromisso com Cristo e Seu propósito para com os homens:

⁸ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Rio: JUERP, 1985. p. 498.

A Igreja deve ser sinal da graça no mundo, pois é o lugar da celebração e do perdão. A ela foi dada a fé que a possibilita de conhecer, em parte, a maravilhosa graça... Pela graça a comunidade cristã se santifica. Não é critério de salvação uma boa teologia, estudos bíblicos, escolas dominicais, catequese e ricas celebrações. Estas iniciativas ajudam a entender teoricamente a ação gratuita de Deus. É preciso colocar em prática os conhecimentos e ser sinal do amor de Deus à humanidade (SOUZA, 2015, p. 68).

A 'comunidade messiânica' se expressa na comunhão da igreja pelo termo grego *koinonia*. Mulholland comenta que "a encarnação abriu caminho que esclareceu o significado da comunhão entre Deus e a igreja" (2004, p. 32-3). Para Culver *koinonia* se traduz como 'compartilhamento íntimo' ou 'comunhão mútua vital' (2012, p. 1080, 1204). Ao se referir ao verso de At 2.42, Mulholland esclarece que a igreja apostólica em Jerusalém teve esta realidade, e diz que: "Vai muito além do convívio agradável entre amigos – no sentido bíblico, só existe comunhão quando Jesus está envolvido na amizade" (2004, p. 34).

A igreja foi fundada no evento de Pentecostes (HURLBUT; CULVER; MULHOLLAND; CASALEGNO, 2005), "visto que o Espírito de Deus é quem une aos crentes" (CHAMPLIN, 2002, p. 46). Porém, entre os judeus crentes nunca se ouvira falar de tal fundação: "Yeshua jamais fundou religião alguma (incluindo o judaísmo-messiânico), muito menos os apóstolos" (MATHEUS GUIMARÃES, 2016, p. 49). Em razão de que eram "bons judeus que aceitavam as Escrituras em hebraico e criam que Jesus era o cumprimento delas, o Messias prometido pelos profetas" (MILLER & HUBER, 2006, p. 67).

Mulholland relata que "conviver com pessoas que compartilham de interesses e hábitos semelhantes aos nossos é camaradagem; a *koinonia*, porém, significa conviver com os irmãos visando sermos transformados à semelhança de Cristo" (2004, p. 34). A comunidade messiânica foi um grupo de pessoas que vivenciou a fé cristã sob a ótica de um cristianismo prático e que levasse em conta o coletivo na busca de ter tudo em comum: "é uma comunidade de 'irmãos'" (CASALEGNO, 2005, p. 96). Para efeito, a comunidade messiânica será considerada igreja apostólica.

2.2. Características da igreja apostólica

Atos 2.42 BJC - Eles se mantiveram fiéis ao ensino dos emissários, à comunhão, ao partir do pão e às orações. O ensino dos emissários deu início à formação de um dogma cristão peculiar “com práticas fixadas segundo o exemplo apostólico, baseados sobretudo sobre os ensinamentos do próprio Senhor Jesus, conforme haviam sido preservados pelos apóstolos e outras testemunhas oculares primitivas” (CHAMPLIN, 2002, p. 71). Stern (2008) descreve esse ensino como *didachê*, do grego, que tanto significa ato de ensinar quanto a doutrina ensinada. O livro de Atos indica “como os apóstolos dão continuidade e colocam em prática o que Jesus tinha ensinado” (GIANASTACIO, 2012, p. 30).

O *lechem*, pão em hebraico, era figura presente no contexto judaico da época e no *Tanakh* (Antigo Testamento). “Entre os cereais o mais precioso, o mais caro ao coração dos homens, era o trigo” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 33), visto que “com ele produzia-se a melhor farinha, mas os pobres utilizavam a cevada” (BEAUMONT, 2013, p. 98). *Yeshua* pediu para que sua carne tivesse o símbolo do pão⁹, produto mais elevado que o trigo de tal maneira que não poderia ser atirado aos cães.

Champlin (2002) denomina o partir do pão como a Ceia do Senhor ou Eucaristia. Diz que não há porque duvidar de que a Ceia do Senhor foi instituída pelo Senhor Jesus na véspera de sua crucificação e morte. Champlin e Stern (2008) apontam para a expressão ‘partir do pão’ como derivado de um costume judaico de começar as refeições com as *brachot*¹⁰, neste caso uma bênção do pão: *Baruch até Adonai, Elohênu Mélech haolam, hamôtsi lechem min haaretz*¹¹, que significa *Bendito és Tu Senhor, nosso D-us, Rei do Universo, que faz sair pão da terra*. Em seguida, ocorria o cerimonial do pão em face da provisão abundante para todas as necessidades: “não devia ser cortado, mas partido” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 229).

Champlin escreve que os judeus crentes foram diminuindo a lealdade ao judaísmo: “a prática do partir do pão, no primeiro dia da semana, gradualmente transferiu o dia específico de adoração do sábado para o domingo” (2002, p. 72). Huch (2016, p. 98) trata esta condição como um erro de tradução do termo “No

⁹ Uma alusão às coisas santas Mt 15.26 e Mc 7.27.

¹⁰ Plural de *brachá*: prece, ação de graças, bênção, reza.

¹¹ *In*: GUIMARÃES, Marcelo Miranda, 2006, p. 162.

motza' el-shabbat" que significa "no final do *Shabat*", e não primeiro dia, domingo. Skarsaune lembra que a Ceia do Senhor só foi estabelecida no século II: "é difícil explicar por que a versão cristã da Páscoa judaica, a Eucaristia, passou a ser celebrada semanalmente, no domingo, e não uma vez por ano" (2004, p. 393).

É possível que o fervor das orações dos crentes em Atos seja resultado efetivo das orações do próprio Jesus, principalmente na oração de João 17.13-26, ao apresentar ao Pai uma preocupação em deixar os *talmidim*¹² e a *ekklesia* futura (CULVER, 2012). Na bíblia, a oração é entendida como uma conversa com Deus que resulta em relacionamento com ele. No *Tanakh* a oração abrange "desde orações individuais em momentos de necessidade especial a orações de profetas e reis em tempos de necessidade nacional" (BEAUMONT, 2013, p. 142). Mulholland diz que "seja qual for a forma, a oração tem de ser a expressão do... culto a Deus ou lhe falta os elementos necessários numa oração" (2004, p. 159).

Atos 2.43 BJC - Todos estavam cheios de temor, e muitos milagres e sinais aconteceram por intermédio dos emissários. Conhecer os Atributos de Deus é uma forma de produzir 'temor' ao Nome e à Palavra. Guimarães (2006) escreve que uma pessoa só se submete a Deus à medida que O conhece. Culver (2012, p. 78-88) descreve formas de revelação de Deus aos homens: (1) O toque interior do Espírito Santo; (2) Por meio do que fez/criou; (3) A própria natureza pessoal, moral e racional do homem; (4) A revelação original e direta de Deus; (5) Por meio de obras especiais; (6) A mensagem que vem de Deus pelas Escrituras; (7) A revelação singular em seu Filho.

A palavra temor pode ser compreendida em múltiplos sentidos como medo e receio, sentimento de reverência e respeito, falta de sossego e tranquilidade, pontualidade e zelo. Champlin (2002) afirma que se tratava de homens regenerados, dando assim, o sentido de 'reverência e respeito' como sendo a interpretação mais adequada. Lopes (2012, p. 68) assegura que: "Uma igreja cheia do Espírito é formada por um povo cheio de reverência... Ela se curva diante da majestade de Deus". Porquanto, uma autêntica compreensão de Deus como criador, só acontece quando a pessoa se compreende "aqui e agora como criatura de Deus" (BULTMANN, 2008, p. 51).

¹² Discípulos.

Os sinais e prodígios que ocorreram na igreja foram os mesmos creditados ao Senhor Jesus (CHAMPLIN, 2002). Bultmann diz que o agir de Deus requer que a pessoa esteja implicada no processo, uma vez que “falar de Deus como ato inclui os acontecimentos da existência pessoal” (2008, p. 55). Champlin explica que aqueles milagres efetuados em Atos provavelmente significam “feitos estupendos, obras prodigiosas, coisas que ordinariamente não se pensaria serem possíveis entre os mortais, tais como curas admiráveis de enfermidades impossíveis e a ressurreição de mortos” (2002, p. 72).

Casalegno salienta que “o milagre manifesta a veracidade da pregação da Igreja primitiva... encontra sua explicação à luz do anúncio da morte e da ressurreição de Jesus” (2005, p. 135). Bultmann (2008, p. 50) expressa que “a fé nasce do encontro com as Sagradas Escrituras enquanto Palavra de Deus, e que não é outra coisa que um simples escutar” que é interpretado com afinidade porque corresponde aos sentimentos de cada indivíduo. “É o anúncio querigmático da Igreja que permite dar uma explicação da cura... é por meio dele que a missão da Igreja se expande” (CASALEGNO, 2005, p. 137).

Atos 2.44 BJC - Todos os que confiavam em Yeshua permaneciam unidos e possuíam tudo em comum. A sociologia é a área competente para definir o termo ‘comum’ que vem de ‘comunidade’ (do latim *communis/communitas*). Trindade (2001) diz que a sociedade enxerga o indivíduo, a comunidade enxerga a pessoa. Os valores são conflitantes porque enquanto a comunidade se baseia nas relações pessoais, a sociedade se pauta em vínculos baseados no interesse: “relações sociais que se pautam por vínculos mais estreitos entre as pessoas, as quais caracterizam a Comunidade, e por vínculos associativos, com ênfase na individuação, o que caracteriza a Sociedade” (TRINDADE, 2001, p. 170).

A sociedade é essencialmente um mercado de interesses, cujo desenvolvimento é histórico-capitalista, “as relações societárias, com seu individualismo e consumismo exacerbados... impedem o estabelecimento de vínculos mais duradouros, baseados na vida comum, solidária” (TRINDADE, 2001, p. 171). Bauman diz que a sociedade inspira “desprezo pelos mais fracos” (2003, pos. 69-70). As pessoas ao redor pouco se interessam em ajudar e, quando solicitadas, respondem com advertências.

Na comunidade há reciprocidade entre pessoas, entre aqueles que se reconhecem como iguais. Caracteriza-se como uma vida real e orgânica: “As

relações que se estabelecem são pautadas pelos graus de parentesco, vizinhança e amizade” (TRINDADE, 2001, p. 168). É partilha e intimidade, vivido exclusivamente em conjunto. Trindade expressa que na comunidade suscita um sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) nas atitudes de ação social dos partícipes.

Trindade (2001) escreve que (1) na sociedade cada um está por si vivendo isolado num estado de tensão diante dos outros, de tal modo que cada um se defende do outro até com hostilidade, limitando intrusões em seu campo particular; (2) é a sociedade que acarreta o capitalismo, sendo este um processo personificado decorrente da busca do homem pelo conhecimento e lucro; (3) a sociedade passou a existir ao abandono da vida em comunidade/aldeia¹³ que rompeu os laços comunitários entre as pessoas e ocasionou a diferença, o contrato e o isolamento do indivíduo.

A palavra comunidade sugere uma coisa boa para Bauman (2003) que relata alguns modos de convivência bem similares à Bíblia. Entre os pontos abordados nunca se deseja má sorte um ao outro; as pessoas ao redor querem bem a todas as pessoas; se alguém tropeça e cai, os outros ajudam a ficar de pé outra vez, ninguém vai rir, nem ridicularizar a falta de jeito ou alegrar-se com a desgraça; se um mau passo for dado por alguém, este pode confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepende-se se necessário: “as pessoas ouvirão com simpatia e... perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre” (BAUMAN, 2003, pos. 61-3).

O autor lembra também que na comunidade “sempre haverá alguém para... dar a mão em momentos de tristeza” (BAUMAN, 2003, pos. 63-4) e quando alguém passar por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se ajudarão; não perguntarão como e quando será retribuído, mas sim do que se precisa. Comenta que raramente dirão que não é dever ajudar “nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato... que as obrigue a fazê-lo” (BAUMAN, 2003, pos. 65-7),

Sobre a igreja apostólica, “é bem provável que haviam começado a formar comunidades de natureza predominantemente cristã; e assim, em certo sentido, passavam os crentes boa parte de sua vida diária juntos uns aos outros” (CHAMPLIN, 2002, p. 73). Souza diz que “sob a ética do amor e da humildade, os

¹³ Pode ser entendido por êxodo rural. A principal diferença entre aldeias, vilas e cidades nos tempos bíblicos era o sistema de defesa, as cidades eram cercadas por muros. “Cada assentamento era uma manifestação do anseio humano de viver em comunidade” (BEAUMONT, 2013, p. 102).

primeiros cristãos enxergam em Cristo a ‘Verdade’ sobre a relação amorosa entre Deus e a humanidade” (2015, p. 60).

Atos 2.45 BJC - Na verdade, eles venderam suas propriedades e bens e distribuíram o dinheiro a cada um conforme a necessidade. O momento histórico na cidade de Jerusalém não era dos melhores, “muitos dos primeiros cristãos tinham vindo de outros países e não estavam preparados para começar uma nova vida em Yerushalayim” (STERN, 2008, p. 256). O contexto social era de mendigos perambulando pelas ruas em grande quantidade, alguns eram ociosos, mas havia também aleijados, doentes e leprosos “pois não existiam nem hospitais nem asilos... formavam um pequeno mundo de pessoas famintas, maltrapilhas, mostrando o lado feio da vida dos judeus” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 351).

Na cultura judaica há um preceito intitulado *mistvá*¹⁴ da *tsedacá*, esta tem origem do hebraico *tzedeck* que significa justiça. No âmbito ocidental é conhecida como ‘fazer caridade’, porém sua melhor tradução é ‘oferta de justiça’; é obrigação de prover ao carente, ao necessitado: “a principal razão para a *tsedacá* é que o Altíssimo quer que as pessoas se acostumem à característica de *chéssed*, bondade” (TAUB, 2012, p. 2). Paulo disse: “Há maior felicidade em dar do que em receber” (At 20.35), com base nas palavras de Jesus em Lc 6.30, 35, 38; 14.14; Mt 25.34-35. Para Schneerson a “caridade é um ato de justiça pura” (2007, pos. 2025).

Nas grandes peregrinações, Jerusalém “ficava repleta de mendigos vindos de toda parte da Terra Santa: eles sabiam muito bem que todos os que iam ali pedir o perdão de Deus estariam inclinados à caridade... A vida diária de Israel era pontuada pelo som de súplicas” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 353). Nicodemus relata que “eram peregrinos vindos... para adorar no Templo... a igreja passou a contar com três mil membros que não tinham onde dormir, nem o que comer, nem onde morar... Todos queriam ficar em Jerusalém, pois haviam achado o Messias” (2017, pos. 831-5).

Casalegno salienta que “para Lucas não se pode, pois, falar de comunhão de vida só no nível abstrato dos sentimentos e das boas intenções; devem-se fazer atos de solidariedade” (2005, p. 131). Champlin e Gianastacio (2006) escrevem que foi o cumprimento literal das palavras do Senhor Jesus citadas no evangelho de Lc

¹⁴ Do hebraico é mandamento. Da raiz ‘*tsivá*’ significa ‘comandar’, ‘direcionar’ e/ou ‘apontar’. Os mandamentos apontam para o Eterno e Seu Caráter. Fazem o homem vivenciar uma realidade com princípios divinos e insondáveis. In: GUIMARÃES, Matheus Zandona, 2016, p. 27.

12.33. Nicodemus (2017, pos. 847-9) lembra que “a única coisa que pode e deve ser considerada como modelo é o amor que devemos ter pelos irmãos — amor que, por sinal, se revela também em ajuda material, quando ela é necessária”. Enfatiza que foi uma ocasião inesperada e que se fosse hoje a igreja atual seria envolvida, por ser tratar de uma situação de emergência.

Hurlbut afirma que esta experiência surgiu num ambiente de expectativa iminente da volta de Jesus “quando então os bens terrenos não seriam mais necessários” (2007, p. 27). Bultmann disserta que a igreja apostólica entendeu o reino de Deus no mesmo sentido de Jesus: “Também ela esperava o advento do reino de Deus em um futuro imediato” (2008, p. 13).

Champlin (2002, p. 73) diz que “não há base para a suposição de que a comunidade de bens, na igreja primitiva, constituiu um sucesso econômico”. Hurlbut (2007) afirma que a igreja de Jerusalém teve dificuldades financeiras e logo esta prática foi abandonada, tendo sido auxiliada pela igreja de Antioquia. Casalegno, Champlin, Gianastacio, Nicodemus e Stern concordam que a venda e partilha de bens não era uma regra nem tampouco foi deixado como tal para a igreja. Stern diz que certamente esse verso ensina o desapego às posses, mas não entende como “um selo especial da aprovação de Deus” (2008, p. 257). “A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence” (LARAIA, 2003, p. 87).

Atos 2.46 BJC - De modo contínuo e fiel, e com singeleza de propósito, eles se reuniam no pátio do templo todos os dias e partiam o pão em várias casas, compartilhando seu alimento com alegria e simplicidade de coração. Os crentes continuaram sendo judeus, afirma Stern (2008). Não mudaram seu costume de ir ao templo todos os dias onde “reuniam-se dezenas de milhares de fiéis... que não iam apenas para oferecer sacrifícios, mas para orar” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 415-6). Logo pela manhã à abertura da Porta de Nicanor ou Formosa os judeus já entravam para ouvir do sacerdote ou recitar o *Shemá*¹⁵, além de escutar a porção da Instrução (Lei).

A importância do Templo também se dava em pregar as boas-novas aos judeus que ali circulavam. Com base em Is 2.3, na ordem de *Yeshua* aos discípulos em Lc 24.47 e At 1.8, Skarsaune explica que os judeus crentes deveriam dirigir a

¹⁵ Profissão de Fé.

Israel sua mensagem, mas que “as autoridades do Templo não estavam dispostas a deixar que pescadores galileus, que acreditavam na ressurreição do seu Messias, ensinassem no monte do Templo” (2004, p. 147).

Numa mesma cidade podia ter várias sinagogas e “qualquer judeu podia edificar uma ou, caso preferisse, transformar sua casa em sinagoga” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 419). Champlin lembra que o *Mashiach* (Messias) era o centro da vida dos crentes e que isso seria o motivo de intensa devoção e simplicidade de coração. Alega que perder a pureza torna o ser humano mais complexo tendo muitos dominadores: “Aqueles que têm apenas um senhor, podem servir a ele exclusivamente, os seus corações são simples e não complexos” (CHAMPLIN, 2002, p.74).

O povo judeu é marcado pela hospitalidade, pois “tratar bem um hóspede era dever de honra... Eles estavam sempre prontos a estender convites para uma refeição” (DANIEL-ROPS, 2012, p. 348). Schneerson comenta que mesmo que não haja necessitados sempre se pode dar uma orientação, uma inspiração ou um estímulo: “podemos dar nosso tempo, nosso conselho, nossa solidariedade. Podemos convidar uma pessoa solitária para jantar; podemos aconselhar um adolescente a como lidar com um problema” (2012, pos. 2058-60). As palavras de Souza completam: “o cuidar de si se redonda em cuidar do outro e da criação” (2015, p. 60).

Atos 2.47 BJC - Louvando a Deus e tendo o respeito de todas as pessoas. E dia após dia, o Senhor lhes acrescentava os que eram salvos. A Bíblia define louvor como uma resposta humana apropriada a Deus, que expressa tanto gratidão por sua bondade como honra por quem ele é (BEAUMONT, 2013). Muitas passagens bíblicas registram que o louvor reverteu situações impossíveis como a vitória de Josué em Jericó (6.20) e Paulo e Silas na prisão (At 16.25-34). Os cânticos tinham um lugar de destaque na música judia e “Israel compreendia perfeitamente o poder emocional da voz humana” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 332).

Os *Tehillin* (Salmos) são uma forma dessas expressões do povo consistindo de 150 poemas ou canções que expressam os anseios e as verdades mais profundas. No entanto, “o Shemá é a oração e o cântico mais importante para o povo judeu” (GUIMARÃES, 2006, p. 161), recitado pela manhã e ao anoitecer. Por certo que os crentes, habituados neste contexto e cheios do *Ruach HaKodesh*, tinham muitos motivos para dignificar o Senhor, pois “diariamente presenciavam

provas de que Cristo estava com eles de que a sua redenção era um fato” (CHAMPLIN, 2002, p. 74).

A comunidade messiânica não era alienada, mas um movimento dentro do judaísmo existente. A simpatia do povo era uma correspondência a algo já conhecido, sobretudo uma resposta ao ministério de Jesus em vida, e agora tinha como reflexo do *Mashiach*. Referindo-se à *Torá* dos Apóstolos, Stern (2008, p. 257) comenta que a salvação de almas diariamente é “por causa da obediência da *Torá* possibilitada pelo Espírito Santo”.

3. IGREJA ATUAL E RESTAURAÇÃO

Este capítulo discorre acerca da condição atual da igreja evangélica. Apresenta uma proposta de restauração das raízes da fé com base no judaísmo messiânico para as igrejas cristãs, Católica¹⁶ e Evangélica.

3.1. Igreja evangélica atual

Há muitas igrejas saudáveis, mas, por outro lado, há muitas que não são apesar de afirmarem a divindade de Cristo e a plena autoridade das Escrituras. A igreja atual perdeu suas características de igreja cristã deixando o amor de um para com os outros “que parece uma farsa” (DEVER, 2012, p. 9). Mulholland diz que o alto e sublime propósito de Deus para a igreja está desvalorizado por uma prática contrária à proclamação das mensagens, sendo preocupante a imagem que a igreja tem hoje diante do mundo.

Esta realidade se expressa num grande número de cristãos “desiludido em relação às igrejas. Alguns afirmam que elas não têm futuro. Outros crêem que elas já morreram, apesar de não estarem, ainda, enterradas” (MULHOLLAND, 2004, p. 14). Lopes diz que o sagrado está banalizado e “há saturação, comercialização e paganização das coisas de Deus. Quem conhece a santidade de Deus não brinca com as coisas de dele” (2012, p. 68).

Dever assinala algumas marcas de uma *ekklesia* saudável em comparação com a igreja atual: que a pregação do Evangelho não deve apenas aparecer como boas-novas de que tudo está bem com a igreja, nem apenas que Deus é amor e que Jesus quer ser amigo; o “cristianismo não é uma sessão de terapia, os bancos da igreja não são divãs” (2012, p. 35), mas sim um local de abandonar o pecado, deixar velhas práticas e carregar a cruz. O entendimento bíblico da evangelização de que “ninguém se torna um cristão por decisão própria” (DEVER, 2012, p. 58), entender isso é ser cooperador do Espírito Santo, deixando a cargo Dele a verdadeira persuasão, convencimento e conversão.

¹⁶ A condição atual da Igreja Católica não foi analisada neste estudo, mas a restauração também a envolve por estar desconectada de Israel. As relações entre a Igreja Católica e Israel são apenas diplomáticas. In: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/05/papa-francisco-visita-jerusalem-no-seu-ultimo-dia-na-terra-santa.html>.

Ressalta o entendimento bíblico da membresia da igreja que está imersa em narcisismo egoísta, hiperindividualismo camuflado, invenção de dons ministeriais e “grupos determinados que não são para todos” (DEVER, 2012, p. 80). O entendimento bíblico a respeito da disciplina na igreja, com sábia disciplina eclesiástica. E a liderança eclesiástica não deve assumida como uma resposta aos dons ou posição seculares, aos relacionamentos familiares ou como prêmio por serviços prestados à igreja: “a liderança da igreja deve ser confiada àqueles que parecem evidenciar... que são capazes de promover a obra santificadora e edificante na vida da igreja como um todo” (DEVER, 2012, p. 149).

Ao escrever sobre as marcas da igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, Culver destaca que “Onde não há *unidade* com Cristo e outros cristãos, há apenas *cismas*; onde não há *santidade*, apenas *religião fraudulenta*; onde não há uma fé *católica*, *apostasia*; onde não é *apostólica*, ela está em *desacordo com a bíblia*” (2012, p. 1063). Mulholland diz que a igreja atual vendeu seu direito a primogenitura por um “cozido de lentilhas de sociologia, psicologia, marketing ou filosofia educacional. Idéias procedentes destas disciplinas são úteis, mas sempre devem ser submissas à teologia bíblica” (2004, p. 17).

Washer atesta que a igreja substituiu as Escrituras acerca da família por psicologia e sociologia. Comenta que os cristãos sabem histórias e assuntos diversos do mundo secular, mas, por vezes, não sabem citar um versículo bíblico e, de vez em quando, encontra “um homem e uma mulher que resolveram criar sua família de acordo com a Escritura – e a diferença é impressionante” (2011, p. 88). Bercot (2013, pos. 347-50) argumenta que “muitos vivem uma vida bem parecida com a vida daqueles que não são cristãos, a única diferença é que eles vão à igreja todas as semanas”.

Bercot (2013) analisa que esses cristãos têm os mesmos comportamentos dos não cristãos como assistir os mesmos programas de televisão, preocupar-se com as mesmas coisas e até comprar os mesmos produtos. Salienta que o ‘não pertencer a este mundo’ existe mais na teoria que na prática. Já a Carta a Diogneto¹⁷ (cap. V) revela o contrário ao expressar que os cristãos de sua época testemunhavam “um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal”.

¹⁷ Na teoria de Paul Andriessen, a carta tem cunho apologético e foi escrita por Quadrato ao Imperador Adriano por volta do ano 120.

Mulholland observa a institucionalização da igreja e diz que as *ekklesiae* estão presas em estruturas rígidas, impedidas de cumprirem seu papel perante Deus e o mundo perdido. Os sintomas são: a ênfase à conformidade externa em vez da experiência interna com Deus, o relacionamento torna-se impessoal; a igreja está centralizada em agenda e programas em vez de dar prioridade ao povo de Deus e às suas próprias necessidades; a individualidade e a criatividade ganham espaço na organização e a comunicação perde força – os membros tem medo de perguntar; o ministério está centralizado em “ministros profissionais” e no “templo” em vez de servir o mundo (2004, p. 209-10).

Diante de tantas inovações teológicas, Nicodemus considera alguns temas surgidos no meio cristão como “modismos e desvios que ameaçam a sã doutrina e põem em risco a integridade espiritual dos cristãos” (2015, pos. 180-1). Salienta a necessidade dos cristãos estarem atentos a ‘ventos de mudança’ devendo submetê-los ao crivo do evangelho. Comenta algumas objeções que atingiram o âmbito da igreja como a liberdade de expressão que tem sido considerada desamor para com o outro: “Essa postura reflete o sentimento pluralista e relativista que permeia a mentalidade evangélica de hoje e que toma como ofensivo todo confronto de ideias no que se refere a teologia” (NICODEMUS, 2015, p. 213-5).

Outro ponto polêmico é o engano do universalismo infiltrado nas igrejas que “é a crença de que, ao final da história deste mundo, Deus haverá de salvar todos os seres humanos, reconciliando-os consigo mediante Jesus Cristo... não há lugar para a doutrina da punição eterna” (NICODEMUS, 2015, p. 571-4). A cultura invadiu o meio cristão e não é neutra, isenta, pura e inocente, mas traz em si a característica da contaminação, abrigando “valores pecaminosos, crenças equivocadas e práticas iníquas que se refletem na arte, na música, na literatura, no cinema, nas religiões, nos costumes e em tudo mais que a compõe” (NICODEMUS, 2015, pos. 780-2).

O autor alerta que na formação de novos líderes é “ingenuidade pensar que basta ler a Bíblia. Para alguns, se alguém é considerado homem de oração, piedoso e espiritual, está pronto para liderar o povo de Deus” (2015, pos. 1251-2), é necessária instrução teológica. Nicodemus (2015) destaca o campo virtual com o uso de fotos meio eróticas, linguajar chulo e palavrões do pior tipo por cristãos. Além do abuso de dons espirituais na igreja como rugido de leão, *glossolalia*, unção do riso, chamando a isso de ‘profecias encenadas’ nos *shows* e cultos do movimento *gospel*, além do pentecostalismo sincrético. Souza afirma que “a igreja é lugar do

arrependimento e do perdão, mas muitas vezes, devido a interesses políticos e eclesiais, a misericórdia de Deus é esquecida ou ofuscada” (2015, p. 71).

Preocupado com os extremos do evento carismático, pentecostal e neopentecostal, MacArthur descreve em suas obras ‘Fogo Estranho’ e ‘Os Caos Carismáticos’ abusos contra o Espírito de Deus. Ressalta que muitos conferencistas carismáticos que decretam curas e milagres, proclamam bênçãos e libertação, minimizam a doutrina e depreciam a bíblia, uma vez que “visualizam o ministério do Espírito como algo totalmente livre... credos, confissões de fé e teologia sistemática são vistos como restritivos, confinantes, não flexíveis o suficiente para que o Espírito trabalhe em sua essência” (MACARTHUR, 2015, p. 93).

Ao falar de falsas curas e falsas esperanças denomina certos líderes de “profetas falíveis” (MACARTHUR, 2015, p. 125) que pregam o evangelho da prosperidade e realizam seus supostos milagres de curas. Manobram multidões frenéticas que são “derrubadas espiritualmente”. O autor alerta contra diversas correntes teológicas que defendem novas revelações e líderes que “prometem aos crentes prosperidade financeira e saúde perfeita. Declaram que qualquer coisa menos do que isso não é a vontade de Deus” (MACARTHUR, s/d, p. 352).

As revelações são recebidas de forma negligente e indiscriminada, sendo questionáveis como verdade divina: “Esse aspecto revelador da profecia foi exclusivo à era apostólica” (MACARTHUR, s/d, p. 87). Ressalta que esses movimentos objetivam coletar grandes somas em dinheiro, todavia estão repletos de pessoas frustradas, carregadas de culpa e mágoa. Lopes (2012, p. 13) atesta que este tempo é de:

Busca desenfreada pelo crescimento numérico da igreja. No entanto, muitos se perdem nessa corrida. Buscam as fórmulas do pragmatismo em vez de recorrer aos princípios emanados do livro de Atos. Caem nas armadilhas da *numerolatria* (idolatria de números) e transigem com a verdade para alcançar resultados. Pregam o que o povo quer ouvir em vez de pregar o que o povo precisa ouvir. Pregam para agradar os incrédulos em vez de levá-los ao arrependimento. Pregam a prosperidade em vez da graça.

Nesta vertente, encontra-se a demonopraxis brasileira. Martins (2015) analisa como a questão do bem e do mal é tratada no Brasil em igrejas pentecostais e, principalmente, neopentecostais das mais variadas denominações. Os males que afligem os cristãos são considerados sempre de natureza maligna.

Muitos pregadores estão enfatizando, até com certo exagero, que o diabo é a origem direta das doenças, da miséria, dos desastres e de todos os poderes que afligem a humanidade desde o início da terra. Não se levam em conta as questões físicas, emocionais, psíquicas, políticas, sociais e culturais de um povo que vive na miséria e sem dinheiro para qualquer tratamento de doença, cercado por inúmeras superstições presente na cultura (MARTINS, 2015, p. 9).

Essas igrejas evangélicas pedem muito dinheiro para ‘amarrar o mal’ por orações e quebras de feitiços prometendo ao fiel benefícios na saúde, nos negócios e planos em geral por Jesus Cristo e o Espírito Santo. Dessa maneira, o maior problema se encontra nos testemunhos de crentes que afirmam sempre que o mal que sofreram ou pecado que praticaram foi por influência demoníaca: “nessas igrejas, nega-se a responsabilidade humana pelos atos cometidos e, conseqüentemente, negam-se as origens históricas do bem e do mal” (MARTINS, 2015, p. 131).

O “Cristianismo Cool” significa Cristianismo “Legal” ou “Descolado”. É um movimento voltado aos jovens no intuito de conquistá-los ou mantê-los na igreja. A ênfase está na tentativa de fazer a igreja parecer culturalmente engajada em tudo o que é emergente. O pastor pode ter uma aparência metrossexual, com jeans apertado, etc. Os cultos podem acontecer em qualquer lugar como num bar ou danceteria.

Sexo é uma tática bastante popular para fazer algo ser chocante. Livros escritos por evangélicos com títulos como “Sex God” (de Rob Bell) e “Real Sexo” (de Lauren Winner) são bons exemplos disso nestes dias. Ao mesmo tempo, muitas igrejas estão encontrando maneiras criativas de usar temas truques de marketing envolvendo sexo para atrair pessoas à igreja (BRETT, 2010).

Os “Desigrejados” formam outro movimento religioso no Brasil e no mundo. São pessoas que participaram de igrejas ou denominações, mas saíram do “sistema religioso”. Segundo o IBGE, Censo Demográfico de 2010, essas pessoas somam quase 8 milhões¹⁸ e estão dispostas na classe “Evangélica não determinada” (IBGE, 2012, p. 157). De acordo com Mange, os desigrejados abandonam as congregações devido: a banalização do ministério pastoral (“profissão” em vez de vocação); a secularização, o intelectualismo, etc.); o abuso na demonstração de “poder” à disposição por valores exorbitantes; a abundância de métodos para crescimento de

¹⁸ Atualmente, estima-se 11 milhões.

igrejas; etc. Alguns se valem do modelo primitivo de igrejas nas casas para congregar.

Contudo, pesquisas em sites de busca revelam uma “agressividade defensiva” (MACIEL, 2015, p. 97) com dezenas de artigos e vídeos que atacam as igrejas no geral: “O desigrejado então se torna um *troll* de internet, postando e repostando casos de heresias, modismos, unções estranhas e extorsões (que inequivocamente existem aos montes), como justificativa de sua fúria anti-igreja” (CRUZ, 2016).

No Brasil há mais de 5.000 mil denominações evangélicas que se acusam (GUIMARÃES, 2011). Matheus Guimarães diz que a igreja está estagnada nos princípios elementares da doutrina cristã (Hb 5 e 6) e que a “supervalorização da graça no mundo cristão apagou e diminuiu o status de Yeshua como rei que exige obediência aos seus mandamentos” (2014, 71’15”).

QUADRO 4 – DIFERENÇA ENTRE A IGREJA DO REINO E A IGREJA DOS HOMENS (ATUAL)

A qahal de Yeshua – Plenitude dos gentios (1Co 3.1; Rm 7.14)	
Igreja Padrão do Reino	Igreja Padrão do Homem
Centralizada na pessoa de Yeshua	Centralizada no homem (líder da igreja)
Conectada a Israel	Ignora Israel e as profecias
Centralizada nos princípios da Torá	Centralizada somente na graça
Preserva o contexto judaico das Escrituras	Aboliu o contexto judaico do NT
Celebra festas bíblicas	Celebra as festas pagãs
Promove a qualidade de vida e ensina a lutar	Promove uma vida sem problemas
Organismo Vivo	Organização Empresarial
Ministérios fundamentais	Ministérios pessoais
Faz discípulos de Yeshua	Faz membros
Promove o Reino	Promove a própria denominação
Comunga com o corpo	Pensam que são os únicos certos (seita)
Libertação total (equilíbrio)	Prisão total (fanatismo/sectarismo)
Messias redime para semelhança a Ele	Messias vai lhe dar o que você pede
Dar espiritualidade e crescimento	Dar uma religião material
Ensina a adorar, orar e servir	Ensina a idolatrar, ‘rezar’ e pedir
Ensina a Palavra para mudar	Ensina Dogmas e Crenças
Princípios do Reino para Ser	Bens materiais para TER
Ensina a liberdade nas diversidades	Ensina a uniformização e padronização
Ensina a Conquistar	Ensina a Dependere
Dar um Milênio, Reino de Justiça, Paz e Alegria	Dar um “paraíso” cheio de prazeres
Leva a um Céu real	Leva a um Céu Irreal (fuga)
Doutrina: profetas, Yeshua e Apóstolos	Doutrina de homens e coisas do mundo
Apregoa a união e a comunhão entre irmãos	Apregoa a divisão e a competição entre igrejas
Baseada no DAR	Baseada no RECEBER
Baseada na oração e intercessão	Baseada em penitência e “caridade”
É Sionista (retorno a Sião)	Adepta à teologia da substituição
Caminha para o cumprimento profético	Ignora Israel e as profecias
Restauração de todas as coisas (At 3.21)	Cúmplice dos erros históricos do Cristianismo
Apregoa o Reino Vindouro	Apregoa uma ida para o céu

FONTE: GUIMARÃES, 2017, 45’08”

3.2. Restauração da igreja

A partir do século XV houve muitos movimentos com o intuito de restaurar a igreja do Senhor Jesus. “Os primeiros líderes da Reforma se esforçaram em avivar e restaurar a igreja medieval de acordo com as suas origens na *ekklesia* apostólica” (CULVER, 2012, p. 1063). Esse movimento é nomeado por alguns como reforma e, por outros, restauracionismo. Mulholland (2004, p.18) expressa que “esta reforma quer dizer a restauração e volta à doutrina e os ensinamentos da Escritura; o reavivamento, a restauração da vida cristã, no seu relacionamento verdadeiro com o Espírito Santo”.

Bercot diz que: “Um movimento restauracionista busca restaurar a igreja apostólica. Já um movimento reformista quer melhorar a instituição religiosa já existente” (2013, pos. 2571-3). Encontrou-se uma diferença substancial na área de artes, memória e patrimônio: “Reforma significa mudança, modificação, nova organização, nova forma... restaurar é reparar... resgatar e revelar os valores históricos... fundamentando-se no preexistente e na autenticidade para recuperar a sua integridade (PRETTO, 2010).

Reformar é incluir tendências contemporâneas. Restaurar é voltar às características originais: “Talvez a grande diferença esteja em que, o referencial da obra de reforma está no futuro, onde deseja-se chegar, e o da obra de restauração está no passado, na origem, de onde se partiu” (FERREIRA, 2012). Guimarães (2011, 5’36”) define reforma como “conserto com materiais atuais”, mas esta palavra não existe na bíblia.

Nas Escrituras Sagradas aparece ‘restauração’: “É necessário que ele permaneça no céu até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas, como falou há muito tempo, por meio dos seus santos profetas” (At 3.21). Guimarães (2011) explica que o termo restaurar tem raiz hebraica em *shuv* que significa voltar ou *teshuvá*, retorno ou arrependimento. A criação do cristianismo como religião e instituição separou os judeus e cristãos, conforme profere Matheus Guimarães (2014, 11’ 49”):

Criaram, desenharam uma linha de separação de quem seria cristão e quem seria herege, e o povo de Israel, os judeus, messiânicos e não messiânicos, e a doutrina dos apóstolos e a tradição bíblica passada por eles relacionadas a Israel, foi deixada de fora desse círculo que foi criado. Isso teve início no ano 90 d.C. e isso foi culminado no ano 347... nesse

período houve uma grande separação e desvio da igreja em relação às suas raízes.

Com esta percepção, Washer questiona “O que Jerusalém tem a ver com Roma?” (2011, p. 17). Discorre uma série de argumentos que aproxima a fé do verdadeiro contexto das Boas Novas, ao mesmo tempo em que repudia a influência helenista e ocidental atual do cristianismo. Restauração é voltar às raízes judaicas da fé. Restaurar a igreja é restaurar a natureza de *Yeshua* numa igreja para todos os povos, pois “à medida que o evangelho ganhava adeptos no mundo pagão, os judeus afastavam-se dele, e crescia cada vez mais o ódio contra o cristianismo” (HURLBUT, 2007, p. 40).

Um dos grandes erros do cristianismo foi forçar os judeus a renunciarem sua fé para se converterem ao cristianismo, pois eles poderiam crer em *Yeshua* professando sua fé no antigo testamento. As escrituras mostram que os judeus podem e devem continuar vivendo como judeus, porém crendo no Messias *Yeshua* como Salvador e Senhor (GUIMARÃES, 2006, p. 113).

Toda contribuição histórica dos reformadores foi essencial. A restauração estava na mente deles, mas não foi o suficiente para preparar a igreja aos tempos de hoje (MATHEUS GUIMARÃES, 2014). A restauração é um movimento messiânico no mundo. No Brasil, é proposta pelo Ministério Ensinando de Sião, representado por Marcelo¹⁹ e Matheus Guimarães, que entre outros aspectos visa “a apresentação do Messias *Yeshua* ao povo judeu e à nação de Israel; a reconexão da Igreja gentílica a Israel; ministérios de misericórdia... e de intercessão; ou mesmo, os movimentos em prol da restauração das raízes judaicas da fé cristã” (GUIMARÃES, 2006, p. 109).

Guimarães (2006, p. 108) diz que “a característica básica do messianismo é viver de acordo com a Torá”, assim como se vivia na igreja apostólica. Matheus Guimarães (2014) diz que Jesus tem leis e requer obediência aos seus mandamentos. Guimarães (2006) lembra que Jesus não anulou a lei (Mt 5.17) e que: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça” (2Tm 3.16). Diz que o judaísmo bíblico

¹⁹ Rabino Mess. Marcelo Miranda Guimarães é presidente do Ministério Ensinando de Sião (AMES) na *Beit Har Tzion* (Sinagoga Monte Sião), em Belo Horizonte – MG, filiado ao *Netivyah Bible Instruction Ministry* (Jerusalém, Israel). Foi pastor evangélico. Trabalha há 20 anos com a proposta de restauração das raízes judaicas da fé.

é a base do cristianismo e isso garante a não proliferação de seitas heréticas. Explora o termo 'judaizar' dizendo que não é esta a pretensão da restauração às raízes da fé, pois impor a observância da lei para salvação seria heresia. Menciona que a lei "traz qualidade de vida, segurança, melhor entendimento e plenitude" para se viver pela graça (GUIMARÃES, 2006, p. 113).

Os cristãos podem escolher ser messiânicos ou não, ou seja, viver de acordo com a *Torá* ou não. Salienta que em Cristo todos são cordeiros das promessas de Abraão (Gl 3.29). E que: "A maldição está no não-cumprimento da lei, e não na lei em si, que se expressa num princípio de D'us" (GUIMARÃES, 2006, p. 112). A *Torá* é sabedoria de Deus para a humanidade.

Matheus Guimarães (2014) comenta que os cristãos acreditam no Deus de Israel, mas indaga o que eles celebram. Sugere uma atenção especial aos fundamentos e costumes apostólicos como: doutrina, festas bíblicas, *Shabat*, símbolos judaicos, *parashot*²⁰, bênçãos aos filhos, etc. Voltar às raízes judaicas da fé significa passar por uma mudança que se torna evidente em cada área da vida.

Amparado por pessoas instruídas na restauração, Huch diz que aprendeu a ler a bíblia com os olhos dos judeus que a escreveram, ao invés de obter o entendimento dela através da interpretação dos cristãos ocidentais. Comenta que compreende melhor quem era Jesus, como era seu modo de vida e seus costumes. Entende que "Jesus honrava todas as festas" (HUCH, 2016, p.136), inclusive o *Shabat*.

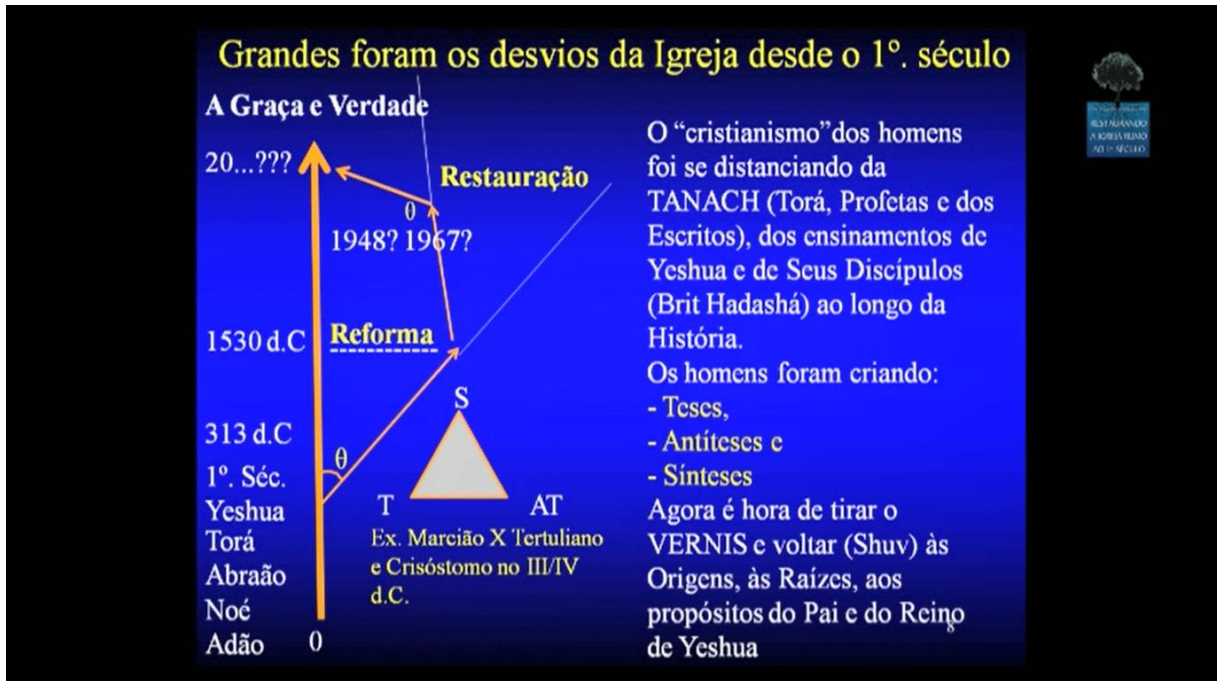
Abaixo, na FIGURA 1, Guimarães demonstra a trajetória do judaísmo messiânico até o ano 313 em que se desviou do caminho da Graça e da Verdade. A reforma, a partir do ano 1530, foi uma tentativa válida de voltar ao caminho. A restauração se expressa no desejo de Deus de ter um único povo, única família (Ef 2.19), em que os gentios foram enxertados na Oliveira Israel²¹ (Rm 11.24). A FIGURA 2 exhibe os eventos proféticos até o fim dos tempos em que "todo o Israel será salvo, como está escrito: 'Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade'" (Rm 11.26). Matheus Guimarães (2014, 18'51") diz que "o verdadeiro reavivamento é quando o judeu, Israel como nação, aceita o seu Messias Yeshua como Senhor". Assim como expressou Paulo em Rm 11.15 "Pois se a rejeição deles é a reconciliação do mundo, o que será a sua aceitação, senão vida dentre os

²⁰ Plural de *parashá*, porção semanal da *Torá*.

²¹ Povo como descendentes físicos de Isaque.

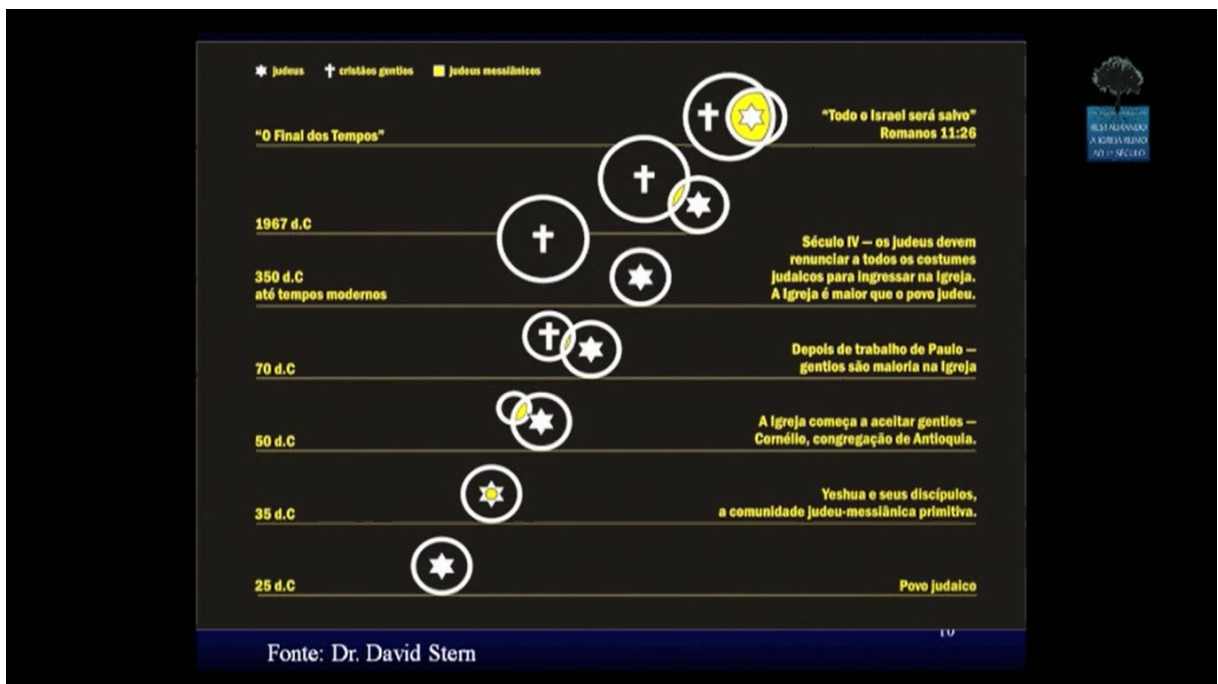
mortos?”. Matheus Guimarães (2014) conclui que isso desencadeará na igreja bênçãos sem precedentes na história.

FIGURA 1 – DIAGRAMA DO DESVIO HISTÓRICO DA IGREJA E A RESTAURAÇÃO



FONTE: GUIMARÃES, 2017, 23’07”

FIGURA 2 – ESQUEMA CRONOLÓGICO DOS EVENTOS HISTÓRICO-PROFÉTICOS



FONTE: GUIMARÃES, 2017, 25’09”

Em síntese, Guimarães apresenta algumas características da igreja apostólica como oferta à igreja atual, Católica e Evangélica. Expressa que a *Torá* (Antigo Testamento) é a base de todos os outros livros da Bíblia e a igreja do primeiro século estava alicerçada na mesma.

QUADRO 5 - CARACTERÍSTICAS DA IGREJA APOSTÓLICA

Os judeus viviam como judeus, sendo zelosos com a Lei (At 21.20) e os gentios crentes viviam como gentios (At 15.10-21), mas ambos em harmonia, nas mesmas sinagogas, pertencendo à Família de Deus (Ef 2.19), pois o muro de separação foi quebrado por Cristo (Ef 2.14).
Não há diferença de judeus e gentios crentes quanto a Salvação (Rm 2.9), mas há diferença de Israel como povo e nação.
Os gentios não são obrigados a guardar as leis de Moisés, mas podem ser abençoados por elas (Rm 7.12, 22; 11; 2Tm 3.16; At 15.21). Por exemplo: Mt 5.17 – Yeshua não anulou a Lei (Torá): as leis morais, éticas... celebrações de festas, o Shabat, que apontam para o Messias e Seu Reino.
Os gentios crentes viviam com os judeus messiânicos, harmonicamente, recebendo as mesmas bênçãos, entendendo a Graça e recebendo os benefícios da Lei. Depois do século IV, já em Roma, a igreja cristã começou a se distanciar de suas raízes (At 18.4).
A igreja estava centrada em Jerusalém (At 1.4) e na Pessoa de Yeshua (At 2.32-35).
Agia no poder do Espírito Santo (At 1.5-8).
Perseverantes unidos em oração (At 1.14), na doutrina dos apóstolos, na comunhão e no partir do pão (At 2.42; Ef 2.20).
Os presbíteros eram escolhidos por Ruach HaKodesh (At 1.26) e pregavam arrependimento (At 2.38).
Havia sinais, milagres, prodígios e maravilhas (At 2.18-19).
Estudavam a Tanakh, destacando a Torá, e a Haftará (profetas e escritos) (At 13.15); trechos da Tanakh foram citados 695 vezes no Novo Testamento.
Não havia necessitados entre eles (At 2.45; 4.34).
Libertavam as pessoas de espíritos imundos (At 5.16).
Não cessavam de ensinar e anunciar sobre Yeshua no Templo e nas casas (At 5.42).
Sabiam lidar com os opositores (At 6.8-15; 8.1); não existe ministério apostolar sem perseguição apostolar e em nenhum outro ministério.
Sabiam a Torá e todo o resto da Tanakh (Exemplo do discurso de Estêvão antes de sua morte – At 7).

Tinham ministério apostolar (levar as Boas Novas) e havia alegria (At 8.8).
A igreja tinha paz e era edificada no temor do Senhor, o Espírito Santo produzia o efeito multiplicador (At 9.31).
Ressuscitava mortos (At 9.32-43).
Em Antioquia pela primeira vez foram chamados de “cristãos” na língua grega, messiânicos em hebraico (At 11.26).
Há perseguição política, apesar de estarem fora dela, mas há livramento de Deus (At 12).
Vivia no contexto dos costumes e leis judaicas como o Shabat até o século III, tendo deixado a partir dos concílios.
A entrada dos gentios (Cornélio) na igreja messiânica do primeiro século foi um sinal de que Deus queria alcançar as nações. A visão de Pedro e ele orando na sexta hora mostra o contexto judaico observado pelos judeus messiânicos (At 10).
Existência dos ministérios fundamentais: mestres, profetas, etc. (At 13.1; Ef 4.11).
Nas sinagogas havia judeus e gentios crentes e estudavam a Torá e a Haftará (At 13; 2.15; 18.4).
Guardavam o Shabat, judeus e gentios (At 13.27, 42, 44; 17.2; 18.4).
Usavam a língua hebraica (At 22.2; 26.14; Jo 20.16; Lc 23.38).
Celebravam as festas bíblicas (At 20.16; 27.9; Jo 7.37; 1Co 7.5).
Estavam sempre cientes da soberania e do tempo de Deus (At 28.27-28), a plenitude dos gentios (Rm 11.25).
Pregavam o reino de Deus, ensinando a doutrina de Yeshua, com toda liberdade, sem impedimento algum (At 28.31).

FONTE: GUIMARÃES, 2017, 23'

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da realidade da igreja hoje, com tantos problemas que a envolve e principalmente na dificuldade de sua expansão como Corpo de Cristo, alguns escritores afirmam que é necessário voltar aos tempos apostólicos ou resgatar os fundamentos da fé cristã. Com vistas a esse desejo, deve-se indagar: a igreja atual quer ser como a igreja apostólica ou quer ter o seu sucesso, o qual era as almas acrescentadas diariamente? São objetivos bem diferentes: *Ser* uma *ekklesia* como a igreja do primeiro século ou *Ter* os seus resultados.

São questões intrigantes, mas que precisam ser analisadas e respondidas. Se a igreja atual pretende *Ser* como a igreja apostólica, então ela deseja alcançar a *koinonia*, a integridade, a pureza e a plenitude da Palavra para a expansão do Corpo, através da ação do Espírito. Assim, deve tornar o coração a Deus por intermédio de Cristo, como a Palavra diz: “Voltem-se para mim e eu me voltarei para vocês” (Zc 1.3; Mt 3.7). A humildade e o temor da igreja apostólica prevalecem nessa conduta. Igualmente, predomina o louvor a Deus por todas as provas mais do que suficientes de redenção e promessa de vida eterna, deixando ao Espírito Santo outros direcionamentos.

Contudo, o homem se expressa e se manifesta fisicamente. Ele precisa de representações ou símbolos para sua vida. Até mesmo o amor deve ser primeiro ao irmão a quem se vê (1Jo 4.20). Também *Yeshua* ordenou na última ceia que celebrassem em memória dele “o comer cerimonial”. Talvez a igreja tenha se perdido em sua trajetória exatamente quando abandonou seus símbolos, suas referências, o seu modo de se expressar.

A partir do século IV a separação da comunidade judaico-messiânica ocorreu em virtude dos costumes e de sua simbologia. Os judeus foram obrigados a professar a fé cristã e impedidos de usar seus símbolos recomendados por YHWH. Mas romper com aqueles símbolos era como negar a própria fé, já que os símbolos trazem em si uma realidade complexa e um sentido invisível. Logo, quem sofreu com essa separação não foram os judeus messiânicos, mas sim a igreja gentílica pela ausência do sentimento de pertencimento.

Ao longo da história, a igreja criou para si novos símbolos para representar sua fé institucionalizada. A igreja absorveu da cultura pagã formas e rituais solenes e sacramentais com base no misticismo. Atualmente, esses símbolos são

fragmentos do passado ou inventados localmente por sincretismo religioso. Surgem diversos objetos e formas de 'expressão cultural' da religião, como: festas, objetos de devoção, músicas, danças, formas de culto, doutrinas variadas e até novos ídolos como os santos católicos. Portanto, se a igreja cristã não tem origem ou estirpe sofre uma profanação da fé pela inserção de elementos pagãos. Evocar as raízes judaicas da fé cristã, na busca por seus símbolos e sentidos reais, pode ser a maneira de banir a infidelidade da igreja atual.

Entre as manifestações da igreja apostólica constatou-se a comemoração de festas bíblicas: Qual seria hoje o sentido dessas festas aos cristãos? A Pessoa do Messias está em todas as festas e tempos bíblicos. Como exemplo, a Festa dos Tabernáculos (*Sucôt* ou Cabanas) traz uma providência divina em fazer a Palavra habitar no crente. Há um significado profético nesta festa em relação ao Milênio em Jerusalém, após o Dia do Senhor. A Festa dos Tabernáculos aparece 3 vezes no capítulo 14 de Zacarias: "Então, os sobreviventes de todas as nações que atacaram Jerusalém subirão ano após ano para adorar o rei, o Senhor dos Exércitos, para celebrar a festa das Cabanas" (Zc 14.16, 18, 19). Assim, importa uma conferência sobre as festas no que diz respeito à vontade de Deus e não à dos homens.

O *Shabat* está nas raízes da fé cristã e é um mandamento do Decálogo. Será mesmo que ele foi extinto na dispensação da Graça? Observando a sociedade contemporânea e o aumento da SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado – Ansiedade): qual o tempo que o cristão tem para estar em família? Muitos pais delegam à igreja a educação religiosa e, por vezes, até o lazer dos filhos. Tem-se a impressão de que todos se conhecem dentro da igreja, menos em casa, porque os problemas familiares não cessam. Portanto, além da adoração ao Criador, um *Shabat* simplificado pode ser uma opção para resolver esse impasse.

Como fazer esse retorno às raízes da fé é objeto de um novo estudo. O objetivo é aperfeiçoar o conhecimento cristão e conduzir a igreja à plenitude através do estudo do contexto bíblico. É importante lembrar que não se pretende subjugar o povo de Deus ao cumprimento ritualístico da Lei, mas gerar qualidade de vida e determinação através dos escritos e do conhecimento do contexto histórico. A lei como princípio continua valendo, pois ela baliza a vida. Paulo diz que não saberia o que é pecado se não fosse pela lei (Rm 7.7). Bultmann evidencia que a "liberdade é obediência a uma lei... liberdade obediente foi bem conhecida... pelo cristianismo primitivo, porém desapareceu nos tempos modernos... substituída... como

arbitrariedade subjetiva, que não reconhece norma nem lei” (2008, p. 33-4). Então, a Lei é necessária e se expressa como um código de conduta em seus preceitos éticos e morais.

Laraia salienta que “nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento” (2003, p. 26). Modificar o planejamento da igreja, o foco de estudo, as atividades em busca da Seiva podem ajudar na restauração do Corpo (Rm 11.7). Admite-se o enxerto feito por Deus do povo gentílico à Oliveira (Israel). E isso não tem caráter apenas espiritual, mas físico e profético. Sem o alimento adequado a igreja declina, esvai-se. É importante estudar a Palavra conforme se apresenta nas Escrituras, sem negar o seu contexto e propósito para a igreja atual voltar a ser a *ekklesia* saudável do primeiro século. Em face disso, as práticas que caracterizam a igreja apostólica são recomendadas à igreja atual sem prejuízos, ao contrário, com ganhos. Tudo isso se firma sem a intenção de “judaizar”, mas acrescentar valor, essência e sentido à vida cristã.

Quanto a Visão da Restauração proposta pelo Ministério Ensinando de Sião, de reconexão da Igreja com Israel como povo, é uma profecia bíblica. Deus “não rejeitou o seu povo” (Rm 11.1), visto que “os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29) e a salvação dos judeus acontecerá na “plenitude dos gentios” (Rm 11.25). Em vista disso, contesta-se a teologia da substituição, pois quem rejeita Israel rejeita a própria salvação (Jo 4.22).

A igreja atual, católica e protestante, precisa se unir a Israel compreendendo o que está escrito: “que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você... Não se orgulhe, mas tema” (Rm 11.18,20). É impreterível investir na evangelização dos judeus (Rm 15.27), apresentando a eles o *Yeshua HaMashiach* que já veio, pois “se não continuarem na incredulidade, serão enxertados” (Rm 11.23). À igreja, é indispensável restabelecer as doutrinas e princípios dos profetas, de *Yeshua* e dos Apóstolos.

Tudo isso parece ter sido fixado no passado quando o Messias anunciou: “Contra você, porém, tenho isto: você abandonou o seu primeiro amor. Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio” (Ap 2.4-5). Essa advertência não se refere ao esfriamento do amor como tem sido pregado. Mas, sim, ao distanciamento que a igreja começava a viver em relação aos judeus, primeiro amor do Senhor. Vale lembrar que o Eterno fará “convergir em Cristo todas

as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos” (Ef 1.10). Logo, se ele vai convergir é porque estão em direções opostas.

Para cumprir sua missão a igreja precisa entender que “a salvação não é uma mercadoria a ser negociada e nem vem de méritos do conhecimento, mas fruto do amor incondicional do Pai” (SOUZA, 2015, p. 60). Se Deus não se faz presente, não há salvação, pois é ele quem atrai as pessoas a Cristo (Jo 6.44). Stern comenta At 2.42-47: “Esse quadro da comunidade messiânica, que recebeu poder do Espírito Santo e foi obediente a Deus, permanece como modelo para seu povo hoje” (2008, p. 255). Diante disso, é essencial saber que características compõem a obediência que o Eterno deseja ver em sua igreja.

Ao término desse trabalho, a expectativa é de que todos os pontos aqui explanados possam contribuir com outros estudos ou práticas a caminho da restauração da igreja, compreendendo sua origem e destino. Uma reflexão é oportuna: se a igreja voltar à prática original de sua fé unida a Israel, haverá um crescimento genuíno pelo poder do Espírito Santo? O que fora apresentado são vislumbres de possibilidades para um novo tempo da igreja do Messias “com o objetivo de apresentar a comunidade messiânica a si mesmo como noiva da qual se orgulha, sem mancha, ruga ou qualquer coisa semelhante, mas santa e sem defeito” (Ef 5.27 BJC).

Assim, conclui-se que o retorno da igreja às suas práticas originais não tem apenas o caráter de proteção e sentido, mas de preparação para o tempo em que a Igreja e o povo de Israel serão restaurados. Uma só congregação cumprindo seu chamado, enquanto aguarda a parusia definitiva do *Mashiach*, para que ele encontre fé na terra (Lc 18.8).

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar. 2003. Edição do Kindle. 2342 posições.

BEAUMONT, Mike. **Enciclopédia Bíblica Ilustrada**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BERCOT, David W. **Que falem os primeiros cristãos**: uma análise da Igreja moderna sob a luz do cristianismo primitivo. São Paulo: LMS do Brasil, 2013. Edição do Kindle. 3275 posições.

BRETT, McCracken. **O perigo do cristianismo querer ser “descolado”**. Wall Street Journal, 2010. Disponível em: <<http://www.pavablog.com/2010/08/22/os-perigos-do-cristianismo-querer/>>. Acesso em 17 jul 2017.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus Cristo e mitologia**. 4. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

BÍBLIA JUDAICA COMPLETA: o Tanakh [AT] e a B'rit Hadashah [NT]. Trad. do original para inglês David H. Stern; Trad. do inglês para o português Rogério Portella, Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Vida, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: BV Books, 2012.

Carta a Diogneto. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/carta-a-diogneto/>>. Acesso em: 17 maio 2017.

CASALEGNO, Alberto. **Ler os atos dos apóstolos**: estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005.

CHAMPLIN, R.N. **O novo testamento interpretado versículo por versículo**: Atos-Romanos. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 3.

CRUZ, Renan Alves. **Como derrubar os argumentos dos desigrejados**. 2016. Disponível em: <<https://artigos.gospelprime.com.br/como-derrubar-os-argumentos-dos-desigrejados/>>. Acesso em: 18 jul 2017.

CULVER, Robert D. **Teologia sistemática, bíblica e histórica**. São Paulo: Shedd, 2012.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2012.

FERREIRA, Rogério Brandão. **Reforma ou restauração?** 2012. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/reforma-ou-restauracao>>. Acesso em: 21 jul 2017.

GIANASTACIO, Vanderlei. **Responsabilidade social, serviço e cidadania: à luz da igreja primitiva.** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **A pessoa do Messias nas Festas Bíblicas.** 4. ed. Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião, 2004.

_____. **Restaurando doutrinas da igreja do primeiro século:** manual para formar discípulos. Belo Horizonte: AMES, 2006.

_____. **Torá em Debate – Nova reforma ou restauração.** 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r9YVNLOR0ul&t=5s>>. Acesso em: 17 mai 2017.

_____. **As características da igreja de Atos.** In: Congresso Internacional 'Continuando a comunidade de Atos', 11º, 2017, Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião, 2017. 1 DVD, 59'04".

GUIMARÃES, Matheus Zandona. **O que e como restaurar?** 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6zTeqZGovLg>>. Acesso em: 7 maio 2017.

_____. **Entendendo a restauração das raízes da fé.** Belo Horizonte: Ministério Ensinando de Sião, 2016.

HUCH, Larry. **A bênção da Torá:** revelando o mistério liberando o milagre. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2016.

HURLBUT, J. L. **História da igreja cristã.** São Paulo: Vida, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010:** características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 17 jul 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos:** a ação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012.

MACARTHUR, John. **Manual Bíblico MacArthur:** uma meticulosa pesquisa da Bíblia, livro a livro, elaborada por um dos maiores teólogos da atualidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2015.

_____. **Fogo estranho:** um olhar questionador sobre a operação do Espírito Santo no mundo de hoje. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

_____. **O caos carismático**. São José dos Campos: Fiel, s/d.
Disponível em: <<http://www.ipbfo.org.br/ebooks/O%20Caos%20Carismatico.pdf>>.
Acesso em: 22 maio 2017.

MACIEL, Rebecca F. L. Andrade. **Cristãos sem igreja**: um olhar a partir da contemporaneidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 12, n.2, p. 87-99, jul-dez/2015.
Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-2-8.pdf>>. Acesso em: 17 jul 2017.

MANGE, Johny. **A ilusão dos desigrejados**. Disponível em:
<<http://www.igrejadafeapostolica.com/desigrejados>>. Acesso em: 17 jul 2017.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Biografia do diabo brasileiro**: estudo e análise das práticas e crenças da demonologia. Curitiba: A.D. Santos, 2015.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do novo testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V.. **A Bíblia e sua história**: o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

NEE, Watchman. **A igreja gloriosa**. 5. ed. São Paulo: Árvore da Vida, 2005.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na igreja**: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. Edição do Kindle. 2629 posições.

_____. **O Pentecostes e o crescimento da igreja**: a extraordinária ação do Espírito Santo em Atos 2. São Paulo: Vida Nova, 2017. Edição do Kindle. 1352 posições.

PRETTO, Ana Lúcia. **Patrimônio histórico reformar ou restaurar?** 2010.
Disponível em:
<<http://patrimonioememoriadelajeado.blogspot.com.br/2010/10/patrimonio-historico-reformar-ou.html>>. Acesso em 21 jul 2017.

SANTIAGO, Bruno Leandro. **A crise na igreja evangélica do Brasil**. artigo
Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/comunidade-conteudo/a-crise-da-igreja-evangelica-no-brasil>>. Acesso em: 04 jun 2017.

SCHNEERSON, Menachem Mendel. **Rumo a uma vida significativa**: a sabedoria do Rebe Menachem Mendel Schneerson. Adaptação Simon Jacobson. São Paulo: Maayanot, 2007. Edição do kindle. 5274 posições.

SKARSAUNE, Oskar. **À sombra do templo**: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo. São Paulo: Vida, 2004.

SOUZA, José Neivaldo de. A graça de Deus e a reforma na igreja.
Teocomunicação, Porto Alegre, v. 45, n.1, p. 59-71, jan-abr/2015. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 10 maio 2017.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2008.

SILVA, Ionaldo Pereira. **Chronos e Kairós na dýnamis do Espírito Santo, a partir da leitura de atos 1, 6-8**. PUC: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/index.php#posicao_dados_acervo>. Acesso em: 5 maio 2017. Dissertação de Mestrado.

TAUB, Shimon. **As leis da tshedacá e maasser**: um guia abrangente. São Paulo: Maayanot, 2012.

TRINDADE, Maria Aparecida de S. Fernandes. **Comunidade e sociedade**: norteadoras das relações sociais. R. FARN, Natal, v.I, n.I, p. 165 - 174 Jul./dez. 2001. Disponível em: <www.revistaunirn.inf.br/revistaunirn/index.php/revistaunirn/article/download/30/33>. Acesso em: 10 maio 2017.

WASHER, Paul. **10 Acusações contra a igreja moderna**. São José dos Campos: Fiel, 2011. Disponível: <http://files.comunidades.net/cclogos/livroebook10acusacoescontraaigrejamodelna._Paul_Washer.pdf>. Acesso em: 08 maio 2017.